



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ISABELLA TIEDT NEVES

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: DA
DECODIFICAÇÃO À ANÁLISE CRÍTICA LITERÁRIA A
PARTIR DO CONTEÚDO E FORMA**

Londrina
2025

ISABELLA TIEDT NEVES

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: DA
DECODIFICAÇÃO À ANÁLISE CRÍTICA LITERÁRIA A
PARTIR DO CONTEÚDO E FORMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dr. Sandra Aparecida Pires Franco

LONDRINA
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Neves, Isabella Tiedt.

LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: DA DECODIFICAÇÃO À ANÁLISE CRÍTICA LITERÁRIA A PARTIR DO CONTEÚDO E FORMA / Isabella Tiedt Neves. - Londrina, 2025.
97 f.

Orientador: Sandra Aparecida Pires Franco.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

Inclui bibliografia.

1. Literatura Infantil - Tese. I. Franco, Sandra Aparecida Pires. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

ISABELLA TIEDT NEVES

**LITERATURA INFANTIL E FORMAÇÃO HUMANA: DA
DECODIFICAÇÃO À ANÁLISE CRÍTICA LITERÁRIA A
PARTIR DO CONTEÚDO E FORMA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Educação da
Universidade Estadual de Londrina - UEL,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Orientadora: Prof. Dra. Sandra
Aparecida Pires Franco
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Heloisa Toshie Irie Saito
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof. Dra. Marta Regina Furlan
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 04 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo e permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida e formação acadêmica. Agradeço por tudo que conquistei até agora, mas peço a Ele que me dê sabedoria para conquistar muito mais.

À Universidade Estadual de Londrina, seu corpo docente, direção e administração por todo o apoio e aprendizado durante esses dois anos de pós-graduação, além do espaço proporcionado para que o curso ocorresse da melhor maneira possível.

À Prof. Sandra Franco, minha orientadora e amiga de todas as horas, que acompanhou todo o processo do trabalho, dando todo o suporte e orientação necessária. Auxiliou-me com envio de textos, explicações e correções, por isso, agradeço pelo paciente trabalho de revisão. Agradeço por todo apoio e confiança, além do empenho dedicado à elaboração desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina que se empenharam para proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas afetivo e humanizador da educação no processo de formação profissional.

Aos meus pais, Flavia e Marcos pelo amor, incentivo e apoio incondicional durante todas as etapas da minha educação, pois sem eles presentes, essa tarefa teria sido muito mais árdua.

Ao meu marido, João, que nos momentos de minha ausência dedicados aos estudos, sempre entendeu que o futuro é feito a partir da dedicação do presente e nunca deixou de me apoiar. Agradeço por compartilhar os inúmeros momentos de ansiedade e estresse.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

NEVES, Isabella Tiedt. **Literatura infantil e formação humana:** da decodificação à análise crítica literária a partir do conteúdo e forma. 2025. 70 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025.

RESUMO GERAL

A presente pesquisa faz parte de um projeto maior que pretende compreender as atividades de leitura literária organizadas pelo professor, durante o período de pós pandemia, para a formação humana de sujeitos leitores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Nesse contexto, esta pesquisa de dissertação teve como objetivo geral investigar as ações didáticas do professor com literatura infantil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a fim de superar a decodificação das letras e contribuir com a formação humana de sujeitos leitores a partir da categoria dialética conteúdo e forma. O problema de pesquisa foi: Como as ações didáticas do professor com literatura infantil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental podem superar a decodificação das letras e contribuir com a formação humana de sujeitos leitores a partir da categoria dialética conteúdo e forma? Para isso, os objetivos específicos foram: compreender a importância da literatura infantil para a formação humana e analisar e comparar as obras literárias: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry e a releitura *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França a partir da categoria dialética conteúdo e forma. A fundamentação teórica foi pautada em autores, como: Vigotski (2009), Saviani (2012), Duarte (2016), Bajard (2021), Bakhtin (2006), Leontiev (1978), Girotto e Souza (2010), Bataus e Girotto (2012), Miller e Arena (2011), Silva e Arena (2012), entre outros. Verificamos que as ações didáticas propostas na sala de aula podem e devem ir além da leitura pautada na codificação e decodificação dos códigos linguísticos, que pouco contribuem para a formação leitora dos sujeitos numa perspectiva humana. Além disso, literatura infantil é uma ferramenta poderosa para a formação humana, proporcionando às crianças a oportunidade de expandir seus horizontes, conhecer diferentes culturas e modos de vida, e desenvolver uma visão mais ampla e empática do mundo. A escolha de obras que abordem a diversidade e a pluralidade é fundamental para promover uma educação inclusiva e preparar as crianças para serem cidadãos conscientes e ativos em uma sociedade globalizada. A literatura infantil, portanto, não apenas enriquece o conhecimento acadêmico, mas também molda o desenvolvimento pessoal e social das crianças, preparando-as para a cidadania em um mundo cada vez mais diverso e globalizado.

Palavras-chave: Educação escolar – Literatura Infantil - Formação Humana – Decodificação – Conteúdo e forma.

NEVES, Isabella Tiedt. Children's literature and human formation: from decoding to literary critical analysis from content and form. 2025. 70 f. Dissertation (Master's Degree in Education) – State University of Londrina, Londrina, 2025.

GENERAL ABSTRACT

This research is part of a larger project that aims to understand the literary reading activities organized by the teacher, during the post-pandemic period, for the human formation of reading subjects in the Early Years of Elementary School. In this context, this dissertation research had the general objective of investigating the teacher's didactic actions with children's literature in the Early Years of Elementary School, in order to overcome the decoding of letters and contribute to the human formation of reading subjects from the dialectical category content and form. The research problem was: How can the teacher's didactic actions with children's literature in the Early Years of Elementary School overcome the decoding of letters and contribute to the human formation of reading subjects from the dialectical category content and form? For this, the specific objectives were: to understand the importance of children's literature for human formation and to analyze and compare the literary works: *The Little Prince*, by Antoine de Saint-Exupéry and the rereading *The Black Little Prince*, by Rodrigo França from the dialectical category content and form. The theoretical foundation was based on authors, such as: Vigotski (2009), Saviani (2012), Duarte (2016), Bajard (2021), Bakhtin (2006), Leontiev (1978), Giroto and Souza (2010), Bataus and Giroto (2012), Miller and Arena (2011), Silva and Arena (2012), among others. We verified that the didactic actions proposed in the classroom can and should go beyond reading based on the coding and decoding of linguistic codes, which contribute little to the reader formation of subjects in a human perspective. In addition, children's literature is a powerful tool for human formation, providing children with the opportunity to expand their horizons, learn about different cultures and ways of life, and develop a broader and more empathetic view of the world. The choice of works that address diversity and plurality is fundamental to promote an inclusive education and prepare children to be conscious and active citizens in a globalized society. Children's literature, therefore, not only enriches academic knowledge, but also shapes the personal and social development of children, preparing them for citizenship in an increasingly diverse and globalized world.

Keywords: School education – Children's Literature – Human Formation – Decoding – Content and form.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFSJ	Universidade Federal de São João del-Rei
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOCIEDADE, TRABALHO E EDUCAÇÃO ESCOLAR: IMPLICAÇÕES DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA	22
2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	31
3 A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA: TRANSCENDENDO A DECODIFICAÇÃO EM FAVOR DO PENSAMENTO CRÍTICO	46
3.1 LEITURA PELA DECODIFICAÇÃO: A LIMITAÇÃO DA ABORDAGEM MECÂNICA.....	47
3.2 A LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS E REFLEXIVOS.....	51
4 O PEQUENO PRÍNCIPE E O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO	61
4.1 CATEGORIA DIALÉTICA CONTEÚDO E FORMA.....	61
4.2 CONTEÚDO E FORMA: CATEGORIAS DIALÉTICAS NAS OBRAS LITERÁRIAS <i>O PEQUENO PRÍNCIPE</i> , DE ANTONIE DE SAINT-EXUPÉRY E <i>O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO</i> , DE RODRIGO FRANÇA.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar as ações didáticas do professor com a literatura infantil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, buscando superar a decodificação das letras e contribuir para a formação humana de sujeitos leitores. Para tanto, a pesquisa analisou as obras literárias "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry, e a releitura "O Pequeno Príncipe Preto", de Rodrigo França, utilizando a categoria dialética conteúdo e forma.

Apesar de muitos estudos e pesquisas científicas destacarem a importância da literatura infantil para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças em todos os níveis de ensino, os professores ainda enfrentam grandes desafios para formar leitores de qualidade superior (Bataus; Giroto, 2012).

A partir disso, é preciso proporcionar às crianças condições para que criem a necessidade pela leitura, apresentando a elas a relevância e a importância da leitura na comunicação, na vida social e para desenvolver a imaginação, como ação fundamental para a formação do ser humano.

O problema de pesquisa, assim como os objetivos geral e específicos de analisar a relação entre a sociedade, o trabalho e a escola, conceituar leitura, literatura e formação humana, problematizar a mera decodificação dos grafemas e fonemas e a análise crítica de duas obras literárias, tiveram origem no interesse da pesquisadora desde sua graduação em Pedagogia. No Trabalho de Conclusão de Curso, por meio de intervenções pedagógicas planejadas com literatura infantil, buscou-se compreender as possibilidades didáticas dessa abordagem na criação de necessidades de leitura.

Os objetivos geral e específicos, assim como o problema surgiram a partir do interesse por parte da pesquisadora desde a graduação em Pedagogia, em que o trabalho de conclusão de curso buscou a partir de intervenções pedagógicas com literatura infantil pensadas e elaboradas, compreender as possibilidades didáticas com literatura infantil criando necessidades de leitura. Por meio desta pesquisa, constatou-se uma expansão de sentidos e significados, capazes de mobilizar os sujeitos em direção ao conhecimento elaborado. Foi constatado que as crianças compreenderam que a

leitura de um texto vai muito além das letras impressas, mas envolve conhecimentos prévios, interações sociais, leituras e interpretações próprias de mundo.

Outro motivo para a pesquisa foi o pensar sobre os dados da pesquisa maior interinstitucional intitulada LEITURA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA DA INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ação docente para o ensino e aprendizagem online e presencial, em que a instituição proponente foi o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. A pesquisa interinstitucional teve parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, o Programa de Pós-Graduação em Educação – UFSJ e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – UFAL.

O problema a ser abordado pela pesquisa maior foi: Quais práticas de leitura foram desenvolvidas em tempos de pandemia da COVID-19, suas ações exitosas, retrocessos e/ou diretrizes desenvolvidas, com vistas à formação de leitores pelos professores da Escola da Infância? Relatos de experiências dos professores cujas ações de leitura foram exitosas podem superar os retrocessos das práticas de leitura apresentados após a pandemia? Quais materiais didático pedagógicos seriam capazes de equilibrar os anacronismos apresentados durante dois anos de ausência escolar no que se refere à prática de leitura nas escolas da infância?

E a questão feita pela pesquisa maior e que gerou essa pesquisa foi relacionada a pergunta: “Qual a sua concepção de Leitura?”. Esse questionamento fez com que percebêssemos que os professores respondentes, disseram que a leitura está relacionada a decodificar, decifrar sinais gráficos. Neste item, é possível destacar três respondentes que mencionaram que leitura é: “Uma forma de decodificar letras, para formar o raciocínio crítico”, “saber interpretar corretamente o texto além de respeitar suas pontuações e regras”, “leitura é o processo cognitivo complexo de decodificar símbolos para extrair significados.”, “Leitura é um processo de descodificação de símbolos linguísticos, mas também de fato, interpretar e compreender o que lê.” e, outra que é “codificar letras, juntar sílabas, formar palavras e frases, ler um texto”.

Essas respostas nos preocuparam e fez com que nos debruçássemos a cerca desta questão no sentido de superá-la.

Vale salientar que há grande pluralidade nas respostas, unindo decodificação, leitura de mundo e imaginação. Destacando que algumas respostas evidenciam os retrocessos percorridos ao longo do capítulo em consideração ao conceito de leitura.

Essas respostas à essa questão foram fundamentais para pensarmos nas possibilidades didáticas do trabalho com o ato de ler, objetivando a formação humana dos estudantes. A utilização de recursos e, mais que isso, o vislumbrar da literatura como arte, superando a decodificação, revelam que a leitura precisa ser entendida como língua viva, no contexto das relações sociais. Nesse sentido, esta pesquisa surge para oferecer uma contribuição significativa a fim de ampliar os conhecimentos já obtidos, propondo soluções criativas e aplicáveis em sala de aula.

Para isso, a pesquisa proposta se dedicará a uma análise aprofundada de duas obras literárias distintas, "O Pequeno Príncipe" de Antoine de Saint-Exupéry e sua releitura contemporânea, "O Pequeno Príncipe Preto" de Rodrigo França. A investigação se dará sob a lente da categoria dialética conteúdo e forma, buscando desvendar como a mensagem intrínseca de cada narrativa se manifesta através de suas escolhas estéticas e estruturais. Almeja-se, com isso, traçar um paralelo entre as duas obras, evidenciando pontos de convergência e divergência, e tecer reflexões acerca da influência do contexto social e temporal na produção literária.

A abordagem escolhida para a pesquisa foi a abordagem crítico-dialética. Etimologicamente, o termo dialético vem do grego que significa a arte de argumentar, mas com o passar do tempo sofreu algumas modificações e passou a ser considerado como o desenvolvimento do pensamento por tese, antítese e síntese. A dialética é a maneira como pensamos as contradições da realidade (Konder, 2008).

Conforme Konder (2008), o método dialético considera o mundo em movimento, ou seja, num estado de mudanças e transformações perpétuas. O paradigma histórico-cultural de pesquisa de Vigotski assumiu a posição de que a realidade é inerentemente material e dialética, ou seja, toda a natureza e todos

os seres vivos estão em constante movimento e, estão, portanto, em constante transformação (Barbosa; Miller; Mello, 2016).

O método dialético de pesquisa, de acordo com Beaton (2018), é a análise crítica permanente de todo o conhecimento produzido sobre o objeto de estudo. Para ele, a objetividade do conhecimento só é alcançada quando a teoria ou explicação disponível é notada na prática concreta, social, cultural e histórica. Segundo o autor, o sujeito investigador deve ter um papel ativo na pesquisa, permitindo-lhe atingir a essência dos problemas, por meio dos dados, pistas e sinais de que a partir da vida e da natureza concreta ele pode obter e com eles deduzir, imaginar e criar possíveis explicações para o movimento dos determinantes ou condições, revelando a estrutura, funcionamento e dinâmica das ligações e conexões. Esse papel ativo permite ao pesquisador apropriar-se do movimento real do objeto, o que contribui para a elaboração da explicação.

Este método é uma abordagem filosófica e metodológica usada para compreender a realidade a partir das contradições inerentes a ela. Ele busca interpretar o movimento, o desenvolvimento e as transformações dos fenômenos, enfatizando as relações dinâmicas entre opostos. O método dialético enfatiza a dinâmica e a fluidez da realidade, em oposição a uma visão estática dos fenômenos (Marx; Engels, 2007).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos por trabalhar com a abordagem qualitativa porque se adequa melhor aos objetivos propostos, já que busca compreensões ao invés de explicações, ou seja, as respostas não são objetivas, consideram as particularidades do objeto. Na pesquisa qualitativa, a realidade é múltipla e subjetiva, sendo que as experiências e percepções do indivíduo são aspectos importantes e fundamentais para a elaboração da pesquisa (Patias; Hohendorff, 2019). Em uma pesquisa qualitativa, conforme os autores, a realidade é construída em conjunto, entre o pesquisador e o pesquisado, por meio das experiências individuais de cada sujeito.

A abordagem qualitativa é uma perspectiva metodológica utilizada em pesquisas para compreender fenômenos em profundidade, explorando significados, percepções, comportamentos e contextos. Essa abordagem enfatiza aspectos subjetivos da experiência humana e busca interpretar a realidade de forma holística, em vez de reduzi-la a números ou dados estatísticos.

Tal abordagem consiste, de acordo com Minayo (2012), em explorar sentimentos, opiniões e experiências individuais, valorizando a perspectiva dos participantes. A autora também afirma que a pesquisa qualitativa busca compreender o universo dos significados, motivos, aspirações e atitudes.

Minayo (2012) enfatiza que a pesquisa qualitativa busca compreender os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências e às realidades que os cercam. Não se trata de medir, mas de interpretar, explorando como as pessoas constroem sentidos em suas relações sociais, culturais e históricas.

De acordo com a autora, “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2012, p. 21). Nesse sentido, podemos afirmar que a realidade social não é estática, mas constantemente reconstruída pelas interações entre os indivíduos e seus contextos. A pesquisa qualitativa se propõe a captar essa dinamicidade, analisando os processos em vez de apenas resultados estáticos.

A análise qualitativa, segundo Minayo (2012), deve ser indutiva e interpretativa, buscando categorias que emergem dos dados coletados. Ela enfatiza que a análise exige sensibilidade para captar nuances e padrões nos discursos e nas práticas dos sujeitos. Portanto, a pesquisa qualitativa busca interpretar os significados atribuídos pelos indivíduos às suas experiências e contextos sociais, culturais e históricos, reconhecendo a realidade como dinâmica e em constante reconstrução. Foca em analisar processos, e não apenas resultados, utilizando uma abordagem indutiva e interpretativa para identificar categorias emergentes, com sensibilidade para captar nuances e padrões nos discursos e práticas.

A pesquisa também se caracteriza como bibliográfica, que consiste em um método de investigação que busca conhecer e analisar a produção teórica já existente sobre determinado tema. Além disso, é amplamente utilizada como etapa inicial de pesquisas científicas, pois permite ao pesquisador compreender o estado da arte de um assunto, identificar lacunas de conhecimento e embasar teoricamente sua investigação.

A presente pesquisa não se limitou à análise de textos e artigos sobre o tema. Embora a revisão bibliográfica tenha sido fundamental para a

construção da base teórica e compreensão do panorama existente, buscou-se ir além, pois o levantamento bibliográfico revelou perspectivas que não haviam sido exploradas pela literatura consultada, permitindo traçar outro panorama da problemática investigada. Acreditamos que essa abordagem metodológica diversificada, ao conjugar diferentes fontes de pesquisa, permitiu traçar um panorama mais rico e multifacetado da problemática investigada, desvendando nuances e aspectos que escapariam a uma análise unicamente bibliográfica.

Uma pesquisa bibliográfica utiliza materiais previamente publicados, como livros, artigos científicos, dissertações, teses, relatórios técnicos e documentos oficiais. Esses materiais são analisados para fundamentar teoricamente o estudo ou para compreender como o tema foi tratado anteriormente (Gil, 2008).

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é conduzida com base em material já elaborado, sendo indispensável para aprofundar o conhecimento sobre o tema investigado. Seu principal objetivo é reunir informações existentes sobre o tema para organizar e sintetizar o conhecimento disponível, servindo como base para novos estudos (Lakatos; Marconi, 2003).

A presente pesquisa também pode ser definida como pesquisa descritiva, que consiste em um tipo de investigação científica que busca detalhar, caracterizar ou descrever fenômenos, fatos, populações ou eventos. Seu objetivo principal é observar, registrar, analisar e correlacionar informações sem interferir ou manipular os dados. Este método é amplamente utilizado em diversas áreas do conhecimento, sendo uma etapa importante para mapear uma realidade antes de avançar para análises mais aprofundadas ou experimentais.

De acordo com Gil (2008), afirma que a pesquisa descritiva não apenas registra fatos, mas analisa suas inter-relações e padrões. Nesse sentido, podemos afirmar que a pesquisa descritiva vai além do simples registro de fatos ou fenômenos observados, ela busca analisar as inter-relações e padrões que emergem desses dados, oferecendo uma compreensão mais profunda e organizada da realidade estudada. Isso significa que, embora a abordagem descritiva não tenha como foco principal explicar as causas de um fenômeno, ela identifica conexões, tendências e regularidades que podem, posteriormente, servir de base para investigações explicativas ou interventivas.

Além disso, a presente pesquisa consta com a análise comparativa das obras literárias selecionadas por terem relação temática, histórica e de gênero, visto que uma das obras é a releitura da outra.

A literatura possui a capacidade única de transcender barreiras culturais, geográficas e temporais, oferecendo aos leitores visões diversificadas sobre temas universais. Nesse contexto, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, tornou-se um ícone literário mundial, cativando gerações com sua narrativa sensível sobre amizade, amor e autodescoberta. Inspirado por essa obra-prima, o escritor Rodrigo França apresentou *O Pequeno Príncipe Preto*, um livro que dialoga com a obra original ao mesmo tempo em que celebra a identidade, a ancestralidade e a diversidade cultural africana.

Para aprofundar essa análise comparativa, será utilizada a categoria dialética de conteúdo e forma, uma abordagem que permite explorar a relação intrínseca entre o que as obras comunicam (conteúdo) e como essa comunicação é estruturada (forma). Essa perspectiva possibilita compreender não apenas os temas abordados, mas também como as escolhas estilísticas, narrativas e simbólicas de cada autor refletem os contextos culturais e históricos em que suas obras estão inseridas.

Assim, *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* articulam temas universais sob perspectivas distintas, considerando tanto os aspectos formais de suas narrativas quanto os conteúdos que elas expressam, enriquecendo o diálogo entre culturas e tradições literárias.

De acordo com Miller e Arena (2011), o processo de humanização do ser em desenvolvimento acontece pela mediação do outro mais experiente e pela linguagem, que veicula os significados sociais a serem apropriados e transformados em conteúdo da personalidade e da consciência de cada sujeito. Portanto, integrar-se à cultura escrita vai além de simplesmente aprender a ler e escrever; envolve transformar a relação com a linguagem e com o mundo ao redor. A escola é o local onde as crianças começam esse processo de imersão na cultura escrita. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, é essencial planejar maneiras de proporcionar experiências que permitam uma inserção adequada nesse universo, pois isso é fundamental para a humanização das crianças.

Assim, para dar significado ao ato de ler, o leitor precisa atribuir

sentido ao que está lendo e expressar concordância ou discordância com o autor, baseando-se nas suas próprias experiências e interações, pois quando o professor ensina leitura de maneira intencional amplia a cultura das crianças de diversos modos, partindo do conhecimento delas e utilizando suportes para a leitura que vão além dos livros didáticos (Silva; Arena, 2015).

De acordo com Chambers (2023), quando a leitura é tratada como uma obrigação ou uma simples tarefa, ela deixa de ser uma prática cultural e pessoal significativa, perdendo seu potencial de proporcionar prazer e reflexão, e se transforma em uma atividade mecânica e desprovida de significado.

Pensando nisso, o professor pode afastar a criança do universo da leitura ao focar em outros conteúdos, como gramática, por exemplo. Isso pode reduzir o encantamento pela leitura e fazer com que a criança veja a leitura e a literatura apenas como mais uma tarefa escolar, sem atender às necessidades de aprendizagem que são essenciais para sua experiência humana.

Quando as crianças são expostas a textos apenas como uma obrigação, perdem a oportunidade de vivenciar a leitura como uma fonte de prazer e descoberta. A leitura se torna uma atividade mecânica, desprovida de emoção e significado, o que pode levar à desmotivação e ao desinteresse. Segundo Chambers (2023), reduzir a leitura a uma atividade obrigatória e técnica pode desestimular os alunos, afastando-os do prazer e da reflexão proporcionados pela literatura. Chambers (2023) defende que a leitura deve ser uma prática cultural e pessoal, promovendo conversas literárias que permitam às crianças expressar suas interpretações e sentimentos sobre os textos, tornando-se, assim, críticas literárias ativas.

Ao transformar a leitura em uma atividade mecânica, corre-se o risco de esvaziar seu significado, impedindo que os alunos desenvolvam uma relação profunda e prazerosa com os livros. Chambers (2023) propõe, portanto, uma abordagem que incentive a interação e a negociação de sentidos, valorizando a subjetividade do leitor e a riqueza da experiência literária compartilhada.

Além disso, ao tratar a literatura como um conteúdo secundário, corre-se o risco de não atender às necessidades de aprendizagem que são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. A literatura não é apenas um meio de adquirir conhecimento, é também uma forma de explorar

emoções, entender diferentes perspectivas e desenvolver a empatia. Esses elementos são essenciais para a formação da identidade e para a compreensão do mundo ao redor.

Chambers (2023) propõe a "conversa literária" como uma prática social significativa na escola, permitindo que as crianças compartilhem suas leituras e negociem sentidos, tornando-se críticas de literatura. Essa abordagem busca resgatar a essência da leitura como prática cultural e pessoal, estimulando o desenvolvimento de leitores críticos e apaixonados.

Quando a leitura é encarada como uma tarefa, as crianças podem começar a associar livros e histórias a obrigações, em vez de vê-los como janelas para novas experiências e ideias. Isso pode limitar seu potencial criativo e crítico, fundamentais para sua formação como indivíduos pensantes e cidadãos ativos. Portanto, é relevante que os educadores promovam uma abordagem que valorize a leitura como uma atividade prazerosa e significativa, capaz de nutrir não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o crescimento emocional e social das crianças.

De acordo com Chambers (2023), ler é muito mais do que decodificar palavras, é construir sentido, vivenciar emoções e estabelecer conexões que ampliam nossa visão do mundo. Por isso, de acordo com o autor, a escola deve ser um lugar onde os jovens aprendam a amar os livros e a leitura, e não onde esses elementos sejam transformados em ferramentas de avaliação ou obrigações desprovidas de significado.

Portanto, é correto afirmar que a literatura é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois vai além da aquisição de conhecimento, permitindo explorar emoções, desenvolver empatia e compreender diferentes perspectivas. Quando a leitura é tratada como uma obrigação, pode limitar o potencial das crianças, prejudicando sua formação como indivíduos pensantes. Por isso, é essencial que educadores promovam a leitura como uma atividade prazerosa e significativa, que contribua tanto para o conhecimento acadêmico quanto para o crescimento emocional e social.

A apropriação da leitura e da escrita permite que a criança compreenda as funções da linguagem e como utilizá-la para se comunicar. Ela descobre novas formas de ver o mundo construído pelos seres humanos, possibilitando a compreensão e a transformação desse mundo. Por isso, é

necessário superar a decodificação, não se restringindo apenas aos aspectos técnicos do ensino da linguagem escrita. Para isso, são fundamentais as intervenções e as propostas adequadas do professor de modo a engajar a criança ativamente no processo, estimulando seu interesse, autonomia e pensamento crítico, valorizando a individualidade de cada sujeito.

De acordo com Chambers (2023), quando reduzimos a leitura a exercícios mecânicos de compreensão e análise, tiramos das crianças o direito de experimentar o prazer e o encantamento que a literatura pode oferecer. Em sua opinião, o primeiro objetivo de qualquer prática de ensino da leitura deveria ser cultivar o prazer. Sem ele, a leitura corre o risco de ser abandonada assim que a obrigação desaparece.

Em virtude dos fatos mencionados, pode-se concluir que a literatura precisa ser usada como agentes mediadores para transformar aspectos do cotidiano da criança, e assim, modificar sua consciência de mundo, manifestando, então, necessidade pela leitura. Portanto, o professor deve proporcionar a partir dos signos a interação da criança com a cultura escrita e assim significar as leituras de seus alunos. Esse contexto teórico foi imprescindível para a elaboração de uma análise das obras de literatura *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry e a releitura *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França a partir da categoria dialética conteúdo e forma.

Buscando atingir o objetivo da pesquisa, a **segunda seção** dedicou-se a explorar as concepções fundamentais de ser humano, educação escolar e professor, analisando como esses elementos se relacionam e contribuem para a construção da realidade educativa. Compreender essas concepções é essencial para aprofundar a análise da relevância da literatura na aprendizagem e formação dos estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, foi discutido o papel central da linguagem nesse processo, dado que ela é um dos principais instrumentos de expressão, comunicação e construção do pensamento humano. Por meio da linguagem, os indivíduos não apenas interagem com o mundo, mas também constroem significados e compreendem a si mesmos, reforçando sua importância para a formação integral dos estudantes. Essa análise inicial sobre a linguagem serve como ponto de partida para destacar como a literatura, enquanto manifestação

artística da linguagem, pode ser um recurso potente para fomentar o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural das crianças na escola.

Na **terceira seção**, aprofundou-se a discussão sobre a literatura sob a perspectiva de sua contribuição para a formação humana, destacando sua relevância como uma necessidade intrínseca ao desenvolvimento integral do ser humano. Para além de sua função técnica, que muitas vezes se restringe à decodificação de grafemas e fonemas, a literatura foi abordada como uma experiência estética e cultural que amplia horizontes, desperta a sensibilidade e promove reflexões profundas sobre a condição humana. Nesse contexto, explorou-se a ideia de que a literatura não apenas transmite conhecimento, mas também contribui para o cultivo da empatia, da criatividade e da capacidade de imaginar realidades alternativas. A leitura literária, portanto, foi apresentada como uma prática que transcende o domínio das habilidades linguísticas, assumindo um papel essencial na construção de subjetividades e no desenvolvimento de uma consciência crítica e ética nos indivíduos. Essa abordagem reforça a importância de integrar a literatura ao processo educativo de forma significativa, reconhecendo-a como um recurso indispensável para a formação de cidadãos capazes de atuar com sensibilidade, responsabilidade e autonomia em uma sociedade plural.

Na **quarta seção**, foram analisadas duas obras de literatura infantil sob a perspectiva das categorias de conteúdo e forma, com o objetivo de identificar e comparar as maneiras como cada uma contribui para a formação humana de crianças leitoras. O conteúdo das obras foi examinado em termos dos temas abordados, das mensagens transmitidas e dos valores implícitos ou explícitos, considerando como esses elementos dialogam com o universo infantil e estimulam o desenvolvimento emocional, ético e social. Já a análise da forma incluiu aspectos como linguagem, estilo narrativo, estrutura textual e recursos visuais, explorando de que maneira esses elementos estéticos potenciam a experiência leitora e favorecem a imersão no imaginário proposto pelas histórias. A comparação entre as obras permitiu evidenciar suas contribuições específicas para o desenvolvimento integral das crianças, destacando como a literatura pode atuar como uma ferramenta poderosa para despertar a sensibilidade estética, enriquecer o repertório cultural e promover reflexões sobre o mundo e as relações humanas. Ao final da análise, ressaltou-se a importância de selecionar

obras literárias que articulem conteúdo significativo e forma envolvente, garantindo uma experiência enriquecedora que vá além do entretenimento e contribua efetivamente para a construção de identidades e valores nos jovens leitores.

A fim de compreender melhor essa problemática, o presente estudo busca incentivar o leitor a se aprofundar na pesquisa apresentada, que busca esclarecer questões essenciais sobre a formação do ser humano, a educação escolar e o papel do professor nesse processo. Espera-se que esta jornada de descoberta sobre a literatura e sua influência na educação o inspire e amplie a compreensão sobre o tema discutido.

2 SOCIEDADE, TRABALHO E EDUCAÇÃO ESCOLAR: IMPLICAÇÕES DA LITERATURA NA FORMAÇÃO HUMANA

A educação não ocorre de maneira isolada, ou seja, as experiências culturais e sociais das crianças afetam a forma como elas aprendem. Reconhecer essas influências ajuda a tornar o ensino mais relevante e significativo. Nesse sentido, é relevante pensar que a cultura e a sociedade desempenham um papel importante na formação da identidade das crianças. Discutir essas influências ajuda na compreensão e criação de um ambiente educacional mais inclusivo e conectado com a realidade das crianças.

Segundo Saviani (2005), a educação é um fenômeno próprio do homem, e isso é o que diferencia o ser humano do restante dos animais. Enquanto os demais animais se adaptam à realidade natural tendo sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua existência, ou seja, o ser humano não se adapta à natureza, mas sim a natureza a ele. Por meio do trabalho, que é uma ação intencional, o homem transforma a natureza e extrai da mesma tudo o que precisa para manter sua sobrevivência.

O homem não nasce humano, sua humanidade é construída ao longo de sua existência e isso só é possível quando ele se apropria do patrimônio cultural que, antes de seu nascimento, já havia sido criado social e historicamente pelas gerações que vieram antes dele, ou seja, o homem, mediado por membros mais experientes que convivem com ele no meio social e com os instrumentos e signos presentes nesse meio, apropria-se da experiência sócio-histórica que as gerações precedentes acumularam. Esse processo de humanização podemos relacionar com o processo de educação (Miller; Arena, 2011).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a educação é um fenômeno exclusivo do ser humano, que se diferencia dos animais por transformar a natureza para garantir sua sobrevivência, em vez de apenas se adaptar a ela. A humanidade do homem é construída ao longo de sua existência por meio da apropriação do patrimônio cultural acumulado social e historicamente por gerações anteriores. Esse processo de humanização, mediado pelo meio social

e seus instrumentos, está intimamente ligado ao processo educativo (Miller; Arena, 2011).

O homem modifica a natureza para desenvolver suas necessidades, cria os objetos para suprimi-las, visto que é o único ser capaz de criar. Além disso, também desenvolve a maneira como produz esses objetos, desde os instrumentos até as máquinas mais complexas para produzi-las. Por isso, cada geração inicia sua vida, baseada nas produções das gerações passadas, e o mesmo ocorre com o desenvolvimento do pensamento e aquisição do saber (Leontiev, 1978). Assim,

[...] Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto. [...] A aquisição do instrumento consiste, portanto, para o homem, em se apropriar das operações motoras que neles estão incorporadas. É ao mesmo tempo um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, "psicomotoras" a sua esfera motriz. [...] A principal característica do processo de apropriação ou "aquisição" que descrevemos é, portanto, criar no homem aptidões novas, funções psíquicas novas. É nisto que se diferencia do processo de aprendizagem dos animais (Leontiev, 1978, p.5).

O homem constrói sua humanização por meio do processo de educação das novas gerações pela mediação das gerações que precederam. Para se apropriar da experiência humana acumulada, precisa agir e é por meio dessa atividade que ele torna seu o que anteriormente existia apenas no âmbito das relações sociais de que participa (Leontiev, 1978). Nesse sentido, pode-se afirmar que o ser humano é capaz de transformar a natureza, a partir do trabalho e ensina as próximas gerações sobre tudo que foi criado pelas gerações anteriores, a fim de garantir sua existência. Diferente dos outros animais, que acabam se adaptando à natureza.

Portanto, podemos afirmar que quanto maiores e melhores forem as possibilidades de acesso ao conteúdo cultural historicamente produzido e acumulado pelas gerações precedentes, mais rico é o processo de desenvolvimento das gerações mais novas (Miller; Arena, 2011). De acordo com tais autores, o processo de humanização do ser em desenvolvimento acontece

pela mediação do outro mais experiente e pela linguagem, que veicula os significados sociais a serem apropriados e transformados em conteúdo da personalidade e da consciência de cada sujeito.

A Teoria Histórico-Cultural enfatiza a natureza social do homem, o desenvolvimento de sua inteligência, da personalidade e de sua conduta humana. De acordo com essa teoria, o homem não nasce humano, mas aprende a ser humano na medida em que atua sobre a realidade e se apropria da cultura e a transforma. Essa teoria vê o ser humano e a humanidade como produtos criados pelos homens ao longo da história, capazes de criar a própria humanidade (Silva; Arena, 2012).

Muitos animais vivem em bando, em que os filhotes são acompanhados e guiados pelos progenitores, mas essa relação está longe de ser um processo educativo. Diferentemente dos animais, o homem possui o trabalho como atividade criadora e produtiva:

Ao criarem os objetos que satisfazem às necessidades humanas, eles criam também o conhecimento sobre essa criação, assim, ao mesmo tempo que produzem bens materiais, desenvolvem os saberes sobre o mundo circundante, ou seja, desenvolvem ciência, tecnologia e arte (Sforni, 2001, p.2).

Nesse sentido, pode-se afirmar que ao criar objetos que atendem às necessidades humanas, os indivíduos também geram conhecimento sobre esse processo. Dessa forma, enquanto produzem bens materiais, expandem os saberes sobre o mundo ao seu redor, promovendo o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da arte.

Segundo Sforni (2001), o homem não se relaciona diretamente com o mundo. Essa relação é mediada pelo conhecimento objetivado pelas gerações que precederam. E no caso das ações mentais não é diferente, visto que os conhecimentos adquiridos se transformam em instrumentos internos de mediação. Portanto, ao longo do processo de desenvolvimento, o sujeito passa a utilizar signos para substituir objetos do mundo real, ou seja, são desenvolvidos sistemas simbólicos que organizam os signos em estruturas mais complexas e articuladas (Sforni, 2001).

Na Teoria Histórico-Cultural, os signos são elementos fundamentais para a mediação do conhecimento e da comunicação. Eles

representam não apenas palavras, mas também qualquer forma de símbolo que carrega significado dentro de um contexto cultural. Os signos servem como mediadores entre o indivíduo e o mundo. Eles permitem que as pessoas se comuniquem, expressem ideias e compartilhem experiências, facilitando a construção de significados. O significado de um signo pode variar de acordo com o contexto cultural em que está inserido, refletindo valores, normas e tradições específicas de uma sociedade. Portanto, os signos não existem isoladamente, eles são utilizados em interações sociais. A comunicação entre indivíduos envolve a troca de signos, o que é crucial para a construção do conhecimento coletivo e a formação de identidades. Assim, os signos são vistos como instrumentos essenciais na mediação do aprendizado e no desenvolvimento humano, sendo um dos pilares da teoria histórico-cultural (Vigotski, 1998).

A natureza humana, de acordo com Saviani (2005), não é dada para o homem, mas é por ele produzida. E, para produzir materialmente, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos de suas ações, ou seja, representar mentalmente seus objetivos reais, o que gera uma categoria importante na produção humana: o trabalho não material, que trata das ideias, conceitos, valores, símbolos, habilidades e atitudes do ser humano. A educação está situada no trabalho não material e não se reduz meramente ao ensino. Segundo o autor, o trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente em cada indivíduo singular a humanidade.

Nesse sentido, é correto afirmar que para se apropriar dos objetos e fenômenos históricos, o ser humano precisa desenvolver uma atividade que reproduza os traços essenciais da ação acumulada no objeto. Esse processo envolve a aquisição de instrumentos e a incorporação de operações motoras, formando novas aptidões e funções psíquicas. A principal característica dessa apropriação é a criação de funções superiores, o que diferencia a aprendizagem humana da animal. Quanto maior a prática sócio-histórica acumulada pela sociedade, mais complexa se torna a educação, exigindo seu desenvolvimento em diferentes etapas para acompanhar o aprimoramento das gerações passadas.

Inserir-se na cultura escrita não é somente aprender a ler e a escrever, é modificar a relação com a linguagem e com o mundo ao redor. É na escola que as crianças iniciam esse processo de inserção na cultura escrita e,

nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, deve-se pensar nos modos de promover vivências para que essa inserção seja de forma adequada, pois essa é a forma de humanizar as crianças (Silva; Arena, 2012).

A escola é responsável pela transmissão dos conhecimentos elaborados historicamente e sistematicamente organizados em uma estrutura curricular e exerce um papel fundamental nas transformações dos sujeitos ao propiciar a apropriação desses conhecimentos e desenvolver as habilidades, capacidades e aptidões necessárias ao processo de sua formação como seres humanos. Essa funciona, então, como uma via para acessar o conteúdo cultural sistematizado, programado, especialmente, para desencadear um processo de ensino que promova nos alunos o seu processo de humanização (Miller, Arena, 2011).

Nesse sentido, a escola desempenha um papel relevante na formação humana, transmitindo conhecimentos organizados historicamente e promovendo habilidades essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos. Ela atua como um meio de acesso à cultura sistematizada, favorecendo o processo de humanização. Nesse contexto, a linguagem se destaca como elemento central, pois permite a interação, a comunicação e a troca cultural, sendo a mais importante forma de expressão humana.

O domínio da linguagem é um ponto fundamental no processo de humanização do ser em desenvolvimento, visto que é, prioritariamente, por meio dela que o homem interage e se comunica com o outro, que entra em contato com o acervo cultural da humanidade, que influencia aqueles com quem convive e é igualmente influenciado por eles ao longo do processo de desenvolvimento. De todas as formas de expressão criadas pelo homem, a mais importante é a linguagem (Miller; Arena, 2011).

De acordo com Bakhtin (2006, p. 270), a essência da linguagem “se reduz à criação espiritual do indivíduo”. Em essência, então, a língua necessita apenas do falante e do objeto de sua fala, que ainda pode ser utilizada como meio de comunicação, que é sua função secundária. Mas, apesar disso,

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao

longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (Bakhtin, 2006, p.271).

Portanto, segundo Bakhtin (2006), a linguagem é uma criação espiritual do indivíduo, necessitando apenas do falante e do objeto de sua fala, sendo a comunicação uma função secundária. No entanto, o ouvinte exerce uma posição responsiva ativa ao compreender o discurso, reagindo a ele de diversas formas, como concordando, discordando, completando ou preparando-se para utilizá-lo, um processo que se inicia desde as primeiras palavras do falante.

Considerando que é pela linguagem que se dá o processo de interação entre aquele que ensina e aquele que aprende, podemos afirmar que o modo como a linguagem é utilizada em sala de aula, para a discussão de conteúdos teóricos, para explicações referentes ao trabalho pedagógico ou para manter uma conversação informal, influenciará, de uma maneira ou de outra, a compreensão e assimilação dos significados próprios da atividade que se desenvolve, bem como a constituição dos sentidos pessoais acerca desses significados e de toda a situação em que se realiza tal atividade (Miller; Arena, 2011).

Como propõe Vigotski (2009), deve ter como ponto de partida e de chegada a humanização. Nessa perspectiva, deve-se valorizar o cotidiano das crianças e superar esse cotidiano por meio do conhecimento elaborado. A organização da rotina e dos processos didáticos apresentados e realizados em sala de aula com as crianças é de extrema importância.

Quando proporcionamos para a criança vivências da literatura como arte, possibilitamos uma transformação no modo de pensar e agir do sujeito, melhorando, qualitativamente, suas capacidades como leitor, tornando uma prática social que contribui para a compreensão de sua própria realidade (Martins, 2018). Portanto, ao oferecer à criança experiências literárias como arte, promovemos uma transformação em seu pensamento e comportamento, aprimorando suas habilidades de leitura e sua compreensão da própria realidade. De acordo com Fischer (1981, p.20), “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo”.

A arte pode elevar o homem a um estado íntegro, é a arte que o capacita para compreender a realidade e o ajuda a não apenas suportar essa

realidade, mas, além disso, transformá-la, a fim de torná-la mais humana (Fischer, 1981). Nesse sentido, a literatura precisa ser usada como ferramenta para transformar aspectos do cotidiano da criança, e assim, modificar sua consciência de mundo, manifestando, então, necessidade pela leitura. Portanto, o professor deve articular a relação entre a criança e a literatura infantil e assim significar e ressignificar as leituras de seus alunos.

No processo escolar, cada criança apresenta maneiras e tempos diferentes para o desenvolvimento da aprendizagem, isto acontece devido à situação social e o tipo de relação que a criança tem com o meio em que está inserida. Por isso, é necessário que os professores reconheçam essas diferenças para que assim seja possível a mediação e propiciem condições de ensino aos alunos, para promover o desenvolvimento desses sujeitos (Kanashiro; Franco; Silva, 2014).

Essas variáveis ressignificam não apenas o ritmo de aprendizagem, mas também o modo como as crianças percebem e interagem com o conhecimento. Por isso, é fundamental que os professores adotem uma postura sensível e atenta a essas diferenças, promovendo práticas pedagógicas que respeitem e valorizem a diversidade dos alunos. Isso implica criar estratégias de ensino que considerem as singularidades de cada estudante, oferecendo condições que favoreçam sua participação ativa no processo de aprendizagem.

Na prática, isso significa adotar estratégias como ensino diferenciado, metodologias ativas e recursos multissensoriais para atender às diversas formas de aprendizagem. Além disso, é essencial promover a leitura mediada, avaliações formativas e um ambiente acolhedor que estimule a participação das crianças. O uso de tecnologias educacionais e a valorização do ensino colaborativo também favorecem a inclusão e a participação dos estudantes, garantindo que cada criança se desenvolva conforme suas potencialidades.

Além disso, é necessário construir um ambiente escolar inclusivo e estimulante, onde todos se sintam acolhidos, desafiados e apoiados a desenvolverem seu potencial máximo. Quando o professor reconhece e valoriza essas diferenças, ele não apenas promove o desenvolvimento cognitivo, mas também fortalece a autoestima e a confiança das crianças, contribuindo para a

formação de indivíduos mais críticos, autônomos e preparados para interagir com uma sociedade plural e complexa (Kanashiro; Franco; Silva, 2014).

Diante do exposto, pode-se afirmar que o processo de humanização do ser em desenvolvimento ocorre por meio da mediação do outro mais experiente, que desempenha um papel fundamental na orientação e facilitação das interações do indivíduo com o mundo social e cultural. Esse processo é mediado, sobretudo, pela linguagem, que atua como uma ponte poderosa para a transmissão e apropriação dos significados sociais. A linguagem, enquanto sistema simbólico, não apenas comunica ideias, mas também constitui o principal instrumento pelo qual o ser humano internaliza valores, conceitos e conhecimentos acumulados historicamente. Esses significados, ao serem apropriados pelo sujeito, são transformados em elementos formadores de sua personalidade e consciência, moldando sua visão de mundo e sua capacidade de agir e interagir na sociedade.

Assim, a humanização não é um processo isolado, mas uma construção coletiva e dinâmica, em que o sujeito se desenvolve como um ser histórico, social e cultural, em constante diálogo com o outro e com os signos que estruturam sua realidade. Esse entendimento reforça a importância de práticas educativas intencionais, que reconheçam o papel da mediação e da linguagem na formação integral dos indivíduos.

Em virtude dos fatos mencionados, podemos concluir que a literatura desempenha um papel essencial na formação integral da criança, indo além do entretenimento para se tornar uma ferramenta transformadora de sua percepção do mundo. Ao trazer para o universo infantil narrativas que dialoguem com sua realidade e, ao mesmo tempo, apresentem novas perspectivas, a literatura tem o poder de modificar aspectos do cotidiano da criança e ampliar sua consciência de mundo. Essa transformação contribui para a construção de valores, o desenvolvimento do pensamento crítico e a ampliação da imaginação, despertando, assim, a necessidade e o desejo pela leitura como prática contínua e enriquecedora.

Nesse processo, o papel do professor se torna indispensável. Ele deve atuar como um mediador intencional, facilitando a interação das crianças com os textos literários e ajudando-as a atribuir significados mais profundos às leituras realizadas. Além disso, o professor deve incentivar a

ressignificação dessas leituras, conectando-as às experiências pessoais e culturais dos alunos, de forma a tornar o processo de leitura mais envolvente e significativo. Essa mediação cuidadosa não apenas promove o desenvolvimento linguístico e cognitivo, mas também forma leitores autônomos, capazes de interpretar o mundo à sua volta com sensibilidade e criticidade. Portanto, a literatura, quando integrada de maneira reflexiva ao contexto pedagógico, torna-se uma poderosa aliada na formação de sujeitos capazes de dialogar com a pluralidade do mundo e transformar suas realidades (Sforni, 2001). Coloque uma referência.

Portanto, ao analisar os aspectos apresentados, percebe-se que na perspectiva histórico-cultural, a literatura desempenha um papel fundamental na formação humana da criança, pois atua como mediadora no desenvolvimento humano. Ao entrar em contato com textos literários, as crianças ampliam seu vocabulário, desenvolvem e aprendem a estruturar ideias, o que é essencial para a comunicação e o pensamento reflexivo.

Além disso, segundo os estudos de Vigotski (2009), a literatura oferece às crianças oportunidades para explorar mundos fictícios e situações imaginárias, promovendo a capacidade de simbolização e enriquecendo seu pensamento criativo. A literatura também transmite valores, histórias, costumes e experiências humanas, permitindo que as crianças compreendam e participem da cultura à qual pertencem, além de se conectarem a outras culturas. A literatura estimula a reflexão sobre as relações humanas, os conflitos sociais e as questões éticas, incentivando a criança a interpretar e questionar o mundo ao seu redor.

Portanto, na perspectiva histórico-cultural, a literatura não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral da criança, contribuindo para sua humanização e para sua inserção ativa e crítica no meio social.

No próximo item, foi feita uma busca por meio da pesquisa booleana que se trata de uma técnica que se utiliza da combinação ou exclusão de alguns conceitos - os chamados "operadores booleanos" - para refinar uma pesquisa. O uso dessa metodologia teve como objetivo buscar outras pesquisas já existentes sobre a temática dessa dissertação.

2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O levantamento bibliográfico permite situar a pesquisa no estado da arte, ou seja, no contexto atual do conhecimento sobre o tema. Ele identifica teorias, conceitos, métodos e resultados previamente discutidos na literatura, oferecendo uma base sólida e referencial teórica que sustenta a investigação. Segundo Lakatos e Marconi (2003), essa etapa é essencial para evitar duplicação de estudos e para assegurar que a pesquisa contribua de fato para a ampliação do conhecimento.

Com base no levantamento bibliográfico, é possível delimitar o escopo da pesquisa e formular hipóteses ou perguntas de investigação alinhadas aos avanços já existentes. Essa etapa não só guia o trabalho, mas também assegura que ele seja objetivo e metodologicamente consistente.

Ao revisar a literatura, o pesquisador pode identificar quais métodos e técnicas foram utilizados em estudos similares e avaliar sua aplicabilidade ao contexto de sua pesquisa. Isso contribui para a escolha de abordagens mais adequadas, evitando erros metodológicos e aumentando a confiabilidade dos resultados.

Ao realizar um levantamento bibliográfico, o pesquisador pode conectar seu trabalho ao de outros estudiosos, contribuindo para o diálogo dentro da comunidade científica. Essa prática garante que a pesquisa não seja isolada, mas parte de uma rede colaborativa de produção de conhecimento, essencial para o progresso científico.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), o levantamento bibliográfico é uma etapa central da pesquisa científica, pois cumpre a função de embasar teoricamente o estudo e de orientar o pesquisador na definição de sua problemática, objetivos e metodologia. Tais autores destacam que a pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento, e não apenas reproduzir o que já foi feito. Por meio do levantamento bibliográfico, o pesquisador verifica quais questões já foram investigadas, quais métodos foram aplicados e quais conclusões foram alcançadas, evitando a repetição desnecessária de estudos. Assim, essa etapa assegura a originalidade e relevância da investigação.

Outro ponto enfatizado pelos autores é que o levantamento bibliográfico auxilia na escolha das abordagens e métodos mais adequados para o estudo. Ao analisar os procedimentos utilizados em pesquisas similares, o pesquisador pode identificar boas práticas, evitar erros e adaptar métodos ao seu contexto específico. Isso contribui para a validade e confiabilidade dos resultados (Lakatos; Marconi, 2003).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o levantamento bibliográfico é essencial na pesquisa científica, pois embasa teoricamente o estudo, orienta a definição do problema, objetivos e metodologia, e garante originalidade ao evitar a repetição de estudos já realizados. Além disso, auxilia na escolha de abordagens e métodos apropriados, contribuindo para a validade e confiabilidade dos resultados.

Para Lakatos e Marconi (2003), o levantamento bibliográfico também é um processo de aprendizado. Ele permite ao pesquisador aprofundar seu conhecimento sobre o tema e desenvolver uma visão crítica, capacitando-o a avaliar as contribuições e limitações dos estudos analisados. Essa visão crítica é fundamental para a interpretação dos dados e para o desenvolvimento de uma argumentação científica consistente.

Os autores afirmam que o levantamento bibliográfico fornece a base teórica necessária para a análise e interpretação dos dados coletados. Ele estabelece os parâmetros para comparar os resultados da pesquisa com os achados existentes, contribuindo para a construção de conclusões mais sólidas e bem fundamentadas (Lakatos; Marconi, 2003).

Portanto, o levantamento bibliográfico não é apenas uma etapa inicial do processo de pesquisa, mas um componente contínuo e indispensável para garantir o rigor científico, a originalidade e a relevância do estudo. Ele conecta o pesquisador ao conhecimento acumulado pela comunidade científica, promovendo o progresso do saber e a resolução de problemas significativos.

Para ampliar as contribuições dos autores mencionados anteriormente, também foi empregada a pesquisa booleana como método de coleta de dados. Essa abordagem, conhecida como busca ou lógica booleana, consiste em combinar ou excluir determinados conceitos por meio dos chamados "operadores booleanos", permitindo o refinamento da pesquisa. O objetivo dessa técnica é tornar o processo de busca mais preciso e eficiente.

Assim, como primeiro buscador foi utilizado o Google Acadêmico, com as palavras-chave: “leitura literária” “formação humana”, obteve-se 30 resultados já na primeira pesquisa, os quais foram analisados os títulos e os resumos de cada um, a partir disso foram selecionados 24 trabalhos.

O **Quadro 1** apresenta uma síntese do levantamento bibliográfico realizado sobre os temas formação humana, leitura e literatura. O objetivo foi mapear os principais estudos que abordam a inter-relação entre esses campos, destacando as perspectivas teóricas, metodologias empregadas e contribuições relevantes para a compreensão do papel da literatura e da leitura no desenvolvimento humano. Além disso, busca-se identificar lacunas na literatura que possam orientar futuras investigações, especialmente no contexto educacional e social. Essa sistematização permite uma visão ampla e comparativa das abordagens existentes, fundamentando as discussões subsequentes desta dissertação.

A seguir encontra-se a tabela com os trabalhos escolhidos em ordem cronológica:

QUADRO 1 – LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Autor(es)	Ano	Tema	Link para acesso
Mogilka	1999	Autonomia e formação humana	<u>SciELO Brasil - Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso</u>
Tonet	2000	Educação e formação humana	<u>EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA</u>
Severino	2000	Formação humana	<u>SciELO Brasil - Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico</u>

Rodrigues	2001	Educação e formação humana	SciELO Brasil - Educação: da formação humana à construção do sujeito ético Educação: da formação humana à construção do sujeito ético
Severino	2006	Formação humana	SciELO Brasil - A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação
Pereira	2007	Literatura infantil	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NAS SÉRIES INICIAIS Pereira Revista Eletrônica de Ciências da Educação
Viana	2009	Ensino de leitura	Universidade do Minho: O ensino da leitura: a avaliação
Severino	2010	Formação humana	educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1519-39932010000200002&script=sci_abstract&lng=en
Pessoa	2013	Literatura	
Fonte	2013	Formação humana	SciELO Brasil - A formação humana em debate A formação humana em debate (PDF) Da leitura a escrita: concepções de professores em formação continuada
Franco Molinari	2013	Leitura	Da leitura a escrita: concepções de professores em formação continuada
Oliveira Franco Fujita	2016	Leitura	Art_08.pdf
Ribas	2016	Literatura infantil	SciELO Brasil - Literatura infantil na sociedade multimidiática Literatura infantil na sociedade multimidiática
Franco Fernandes	2016	Leitura	(PDF) FRANCO, S.A.P.; FERNANDES, G. F. G. . Mafalda: possibilidades de leitura na perspectiva histórico-crítica. Educação e Cultura Contemporânea, v. 13, p. 145-161, 2017.
Giroto Franco Barros	2016	Leitura	A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE

Tamura			PROFESSORES A BASES CIENTÍFICAS PARA UMA DIDÁTICA DA LEITURA Cadernos de Pesquisa em Educação
Franco Giroto	2017	Formação de leitores	(PDF) FRANCO, SANDRA APARECIDA PIRES; GIROTTO, CYNTIA GRAZIELLA GUIZELIM SIMÕES . A categoria marxista conteúdo e forma na leitura literária. REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, v. 12, p. 1972-1983, 2017
Oliveira Franco	2017	Literatura	A LITERATURA COMO ATIVIDADE INVESTIGATIVA PARA A SUPERAÇÃO DO COTIDIANO Nuances: Estudos sobre Educação
Fernandes Franco Oliveira	2018	Leitura	O que é ler? Uma perspectiva interacionista para a formação do leitor Congresso do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL
Fujita Franco	2018	Ato de ler	(PDF) O ato de ler na educação básica e a formação de alunos leitores
Fernandes Franco	2020	Ato de ler	O ato de ler na Pedagogia Histórico-Crítica e suas possibilidades na Educação Básica Revista Teias
Duarte Pedro Tavares Franco	2021	Literatura infantil	A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO A LEITURA PARA AS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO Anais do Pró-Ensino: Mostra Anual de Atividades de Ensino da UEL
Vidigal Franco	2021	Compreensão leitora	A CATEGORIA DIALÉTICA ESSÊNCIA E APARÊNCIA NO ENSINO DE ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA VIDIGAL Linha Mestra
Fernandes Beleze Franco	2022	Leitura literária	mayarafa,+13596.pdf

Casagrand e Franco	2024	Leitura	11+18204+RIAE+2024+PT (1).pdf
--------------------------	------	---------	---

Fonte: da autora (2024)

O artigo de Molgilk (1999), discute o processo de estruturação da autonomia infantil em situações pedagógicas, diferenciando os conceitos de liberdade e autonomia, frequentemente confundidos. Adota uma abordagem interacionista, considerando a autonomia como um processo construído entre a liberdade natural e a capacidade da criança de se auto-regular, em interação com as necessidades dos outros. A autonomia é vista como resultado do diálogo entre as potencialidades inatas da criança e fatores externos, como cultura e relações sociais. O texto conclui positivamente quanto às possibilidades de construção da autonomia, mas aponta que esse processo é problemático, dado as dificuldades de agir e compreender de forma democrática em uma sociedade simultaneamente diretiva e permissiva.

O artigo de Severino (2000) propõe uma reflexão filosófico-educacional sobre a educação como prática que media a existência histórica dos seres humanos, destacando seus desafios e responsabilidades diante da realidade social brasileira contemporânea.

Tonet (2000) traz em seu artigo a reflexão de que a formação humana integral está orientada para a construção de uma sociabilidade em que essa plenitude seja efetivamente possível. No entanto, a sociedade capitalista impede tal formação devido às desigualdades sociais que gera. Isso ocorre porque uma formação integral requer o acesso aos bens materiais e culturais indispensáveis à realização plena dos indivíduos. Assim, qualquer atividade educativa que aspire contribuir para essa formação deve buscar capacitar os indivíduos a se engajarem na luta por uma sociabilidade que transcenda as limitações impostas pelo capital.

O artigo de Rodrigues (2001), reconhece que o acesso a conhecimentos e habilidades é um componente do processo de formação humana, mas não o abrange em sua totalidade. Em seu aspecto proposicional, destaca que a Educação é um processo integral de formação humana, considerando que, ao nascer, cada indivíduo necessita adquirir condições para existir no mundo da cultura. Esse processo envolve a assimilação de elementos

da herança civilizatória que permitiram à humanidade superar os limites impostos pela natureza. Entre esses elementos, destacam-se os conhecimentos racionais que impulsionaram o desenvolvimento científico e cultural, além da consciência de que o ser humano é o agente responsável pela reprodução das condições de sua vida e das formas sociais de organização. Essas ações devem ser guiadas por princípios como solidariedade, valorização das individualidades, respeito às diferenças e autodisciplina.

O artigo de Severino (2006), propõe uma reflexão sobre a educação como processo de formação humana, analisando os diferentes sentidos atribuídos a essa formação ao longo da tradição filosófica e na contemporaneidade. Reconhece que as concepções sobre o ideal de humanização passaram por transformações significativas. Essa abordagem permite não apenas revisitar momentos marcantes da Filosofia da Educação na cultura ocidental, mas também discutir conteúdos teóricos essenciais ao debate filosófico sobre o sentido da educação. Esse debate, que ganha relevância renovada para os educadores, é fundamental diante dos desafios impostos pelas novas condições da pós-modernidade, que questionam profundamente as referências filosóficas da tradição cultural ocidental.

O artigo de Pereira (2007) destaca a importância da literatura infantil nas séries iniciais. Os primeiros contatos das crianças com a literatura geralmente ocorrem por meio de contos de fadas narrados pelos pais, despertando seu interesse pelas histórias. Durante o processo de aquisição da leitura e da escrita, a literatura infantil desempenha um papel crucial, pois, nos primeiros anos da educação formal, as crianças estão em uma fase de imaginação e encantamento, adorando ouvir histórias que exploram mundos fantásticos. Livros literários devem estar constantemente presentes na vida das crianças, já que a boa literatura contribui para o desenvolvimento da inteligência, promove interação e proporciona diversão e prazer. Embora a literatura infantil possa parecer apenas uma brincadeira, ela representa o início de uma formação cultural e, por isso, deve ser incorporada à prática pedagógica dos professores nas séries iniciais.

Viana (2009) busca esclarecer em seu artigo os conceitos relacionados à avaliação da leitura, aos instrumentos e aos processos avaliativos, além de examinar as potencialidades e limitações de diferentes

métodos de avaliação. Também promove uma reflexão sobre as demandas associadas ao uso de diversas estratégias avaliativas.

O artigo de Severino (2010), traz a discussão sobre a prática educacional voltada para os desafios históricos atuais deve ser fundamentada em três dimensões: conhecimento teórico, habilidade técnica e sensibilidade política. No entanto, essas dimensões só se consolidam quando articuladas à ética. O envolvimento e a sensibilidade ética dos educadores estão relacionados ao compromisso com a humanidade e o destino dos indivíduos. Esse compromisso envolve uma responsabilidade ética que deve ser vinculada às responsabilidades técnicas e ao engajamento político, visando a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e democrática, em que todos tenham acesso aos bens necessários à dignidade humana.

O artigo de Pessoa (2013) aborda a relação entre arte e educação, destacando a literatura como uma ferramenta que amplia o olhar investigativo sobre questões teóricas e sociais no contexto educacional. A educação é vista como um processo cultural e de formação humana, sendo influenciada pela cultura e, ao mesmo tempo, a moldando. A literatura é entendida como uma representação do real, mas com sua própria criatividade e princípios. De acordo com Bourdieu, a literatura é um "campo" ou espaço de relações sociais, essencial para a educação, pois contribui na formação de cidadãos com valores e aspirações.

O texto de Fonte (2013) é um artigo que aborda a formação humana considerando o conflito entre formulações educacionais pós-críticas e críticas. Especificamente, problematiza a perspectiva de formação humana nas teorias educacionais pós-críticas, enquanto aponta um caminho potencial para ser desenvolvido pela pedagogia histórico-crítica no enfrentamento de suas limitações. Conclui que a compreensão da omnilateralidade em Marx pode servir como inspiração para formulações pedagógicas críticas, capazes de consolidar uma concepção de humanidade que transcenda tanto as tendências racionalistas e cognitivistas quanto as perspectivas meramente estetizantes.

O artigo de Molinari e Franco (2013) apresenta um estudo sobre as concepções de aquisição da leitura e da escrita, suas definições, a relação entre ambas e as dificuldades enfrentadas por três professoras de Língua Portuguesa em atividades de leitura e escrita. A pesquisa, fundamentada em

pressupostos teóricos sobre esses processos, utilizou um questionário com seis perguntas aplicado a professoras em formação continuada. Os resultados revelaram que as participantes ora compreendem a aquisição da linguagem como um processo de desenvolvimento mediado por sujeitos, ora como mera decodificação de palavras e símbolos. Também foi constatado que o ensino e a aprendizagem da leitura envolvem conflitos e retrocessos, ainda que nem sempre explícitos. O estudo propõe que os professores reconstruam suas concepções, reconhecendo seu papel como agentes de transformação por meio de práticas pedagógicas voltadas à leitura e à escrita.

Ribas (2016) tem como objetivo em seu artigo, explorar a articulação de linguagens na literatura infantil no contexto da sociedade multimidiática. Com base na análise de discurso crítica, examina como textos em diferentes formatos interagem, utilizando a articulação de materiais semióticos variados (ou linguagens, em uma perspectiva não convencional). Discute como a literatura pode ser compreendida no cenário de convergência midiática, destacando o potencial do conceito de intertextualidade para analisar as relações entre diversos textos e sua conexão com mudanças discursivas e sociais de alcance transnacional. Além disso, sistematiza os modos de articulação das linguagens na produção de sentidos, as tendências discursivas que orientam esse processo e os efeitos de sentido resultantes no contexto da sociedade multimidiática.

O artigo de Oliveira, Franco e Fujita (2016), apresenta uma investigação sobre o contexto de leitura dos alunos de uma instituição pública de ensino do Estado do Paraná. Para isso, foram aplicados diversos instrumentos de coleta de dados com o objetivo de elaborar um projeto de intervenção em leitura. Os instrumentos utilizados incluíram os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a produção escrita dos alunos, entrevistas com a equipe pedagógica e um questionário socioeconômico. Com base no conceito de totalidade, que visa compreender as dificuldades dos estudantes, optou-se pela Pedagogia Histórico-Crítica como fundamentação teórica para a análise dos dados. O estudo justifica a implementação de um projeto de intervenção em leitura, tendo como base os resultados que apontam uma carência de leitura entre os alunos, refletindo o contexto escolar em que estão inseridos.

Franco e Fernandes (2016) abordam em seu artigo a reflexão sobre o uso de quadrinhos em sala de aula como ferramenta de mediação e investigação dos fenômenos da vida social. Justifica-se pela necessidade de (re)pensar as diferentes linguagens no processo de ensino-aprendizagem, explorando suas possibilidades para a formação humana e a compreensão crítica da realidade. Fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica e em consonância com o Materialismo Histórico Dialético, o estudo busca analisar as leituras e dimensões presentes em seis tiras da obra *Toda Mafalda* (2003). A pesquisa foi realizada com uma turma do 7º Ano do Ensino Fundamental em uma instituição pública estadual. Os temas abordados trataram da preservação ambiental, discutindo o papel do homem na sociedade e sua relação com o trabalho, consumo e meio ambiente sob uma perspectiva crítica, com o objetivo de contribuir para a transformação do indivíduo e da sociedade. Os resultados, analisados à luz do referencial teórico, evidenciam a importância de utilizar diferentes linguagens em sala de aula para possibilitar leituras significativas no processo educativo.

O artigo de Giroto, Franco, Barros e Tamura (2016) busca articular os estudos sobre literatura, enunciação, leitura e ensino, com base nos pressupostos da Teoria Histórico-Cultural e na teoria bakhtiniana, a fim de refletir sobre as práticas pedagógicas voltadas para crianças na Educação Infantil. O estudo visa ainda destacar a relação entre conteúdo e forma, com o intuito de contribuir para a revisão das concepções e práticas educativas na Educação Infantil, especialmente aquelas relacionadas às práticas didáticas de leitura mecanizadas e utilitárias, que visam formar o sujeito de maneira alienada e descontextualizada da sociedade. Assim, o texto propõe uma possível superação dessas práticas, buscando os fundamentos para uma didática da leitura intencional com crianças pequenas, em que o livro se torne um objeto essencial na formação do leitor em início de desenvolvimento.

O artigo de Oliveira e Franco (2017), parte de uma dissertação de Mestrado em Educação, e investiga as contribuições da Literatura e do uso de gêneros textuais para promover a leitura crítica de estudantes do Ensino Fundamental – Fase II. O texto é fundamentado no Materialismo Histórico e Dialético e envolve alunos dos 8º e 9º anos de três escolas públicas na região norte do Paraná. Após a aplicação de projetos de intervenção em leitura,

desenvolvidos no âmbito do projeto OBEDUC/UJEL Educação, os estudantes foram convidados a ler um poema, identificar os diferentes determinantes presentes no discurso do texto e justificar suas escolhas de forma crítica. A análise dos testes de leitura crítica revelou que, embora os alunos consigam identificar os principais determinantes no texto, sua interpretação permanece em um nível ingênuo.

O artigo de Franco e Girotto (2017) analisa a obra *Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, na adaptação publicada em 2013. O objetivo da pesquisa foi examinar a relação entre as categorias marxistas de conteúdo e forma presentes na obra. Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se a metodologia bibliográfica com abordagem crítico-dialética. A análise conclui que a relação entre conteúdo e forma é indissociável em uma obra literária, sendo elementos fundamentais para o desenvolvimento da formação de futuros leitores.

O artigo de Fujita e Franco (2018) tem como objetivo identificar e analisar as concepções e práticas de leitura dos alunos do 9º ano, visando refletir sobre a realidade e as possibilidades de melhoria do ato de ler no contexto escolar. A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2015, utilizando um questionário com questões abertas, aplicado a duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, no período matutino, de uma escola localizada na periferia de Londrina-PR. Os resultados indicaram que os participantes consideram a leitura essencial para o processo de formação humana e profissional. No entanto, é necessário criar espaços de leitura e adotar metodologias adequadas para que os alunos possam desenvolver o ato de ler de maneira crítica e humanizadora.

Fernandes, Franco e Olivera (2018) abordam em seu artigo uma pesquisa que busca apresentar uma concepção interacionista de leitura, enfatizando o papel do leitor, do texto e o processo de interação entre esses elementos. A intervenção foi realizada em uma instituição pública de ensino no Estado do Paraná, com a participação de um professor de Língua Portuguesa e sua turma do 1º ano do Ensino Médio. Os resultados indicaram que o ato de ler exige a apropriação, compreensão e produção de sentidos por parte do leitor, tornando-se, assim, uma atividade consciente.

O artigo de Fernandes e Franco (2020) está vinculado aos resultados finais de uma pesquisa de Pós Graduação, *stricto sensu* (Mestrado),

que teve como objetivo principal analisar se a ação docente, fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético e na Pedagogia Histórico-Crítica, é fundamental para o desenvolvimento do ato de ler na Educação Básica. Neste texto, analisou-se o processo de intervenção vivenciado pelos professores e alunos participantes da pesquisa. Ao materializar os fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica para o ato de ler e para a leitura literária, buscou-se vislumbrar um ensino que garanta aos nossos alunos o direito inalienável aos bens culturais produzidos pela humanidade, para que, por intermédio do conhecimento, possam desenvolver-se e, com isso, humanizar-se, no sentido de compreender as contradições da sociedade e intervir sobre elas, edificando a prática social como sujeito construtor da história humana.

O artigo de Duarte, Pedro, Tavares e Franco (2021) tem como objetivo destacar a importância do incentivo à leitura para crianças em processo de alfabetização, mostrando como a leitura contribui para o desenvolvimento dos alunos e como a pandemia afetou esse momento tão crucial. Foram realizadas as intervenções por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma escola da rede municipal de Londrina. A pesquisa apresenta a partir disso, a questão de a leitura ser essencial para as crianças nos primeiros anos de alfabetização, pois traz inúmeros benefícios ao leitor iniciante e é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

O artigo de Vidigal e Franco (2021) é fruto do desenvolvimento de uma proposta de ensino de estratégias de compreensão leitora com uma turma de 22 estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal. O objetivo do estudo foi apresentar o processo de ensino dessas estratégias, analisando a categoria dialética essência e aparência ao longo dessas ações e identificando possibilidades de práticas pedagógicas para a formação do sujeito leitor. A análise revelou que a categoria essência e aparência está indissociavelmente ligada ao ensino de estratégias de compreensão, pois ela possibilita que o sujeito leitor vá além dos aspectos superficiais da realidade, alcançando sua compreensão mais profunda.

O artigo de Fernandes, Beleze e Franco (2022) tem como objetivo repensar a leitura literária e suas práticas pedagógicas, com base na Teoria Histórico-Cultural e em autores contemporâneos sobre leitura e literatura infantil. A principal questão investigada é: quais práticas pedagógicas podem

contribuir para a formação do leitor desde a mais tenra idade? Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa em um Centro Municipal de Educação Infantil no estado do Paraná, com o intuito de analisar as práticas pedagógicas organizadas por meio de obras literárias clássicas. A abordagem e os instrumentos metodológicos utilizados foram aprovados por comitê de ética, conforme as diretrizes para a pesquisa científica. Com base na análise dos dados, conclui-se que a ação docente, aliada à literatura infantil, se configurou como uma das possíveis abordagens para criar necessidades na formação da identidade leitora desde a infância.

O artigo de Casagrande e Franco (2024) investiga a concepção de leitura dos professores do Ensino Fundamental de diferentes estados do Brasil. Para isso, foi utilizado um recorte da pesquisa “Leitura e práticas pedagógicas na escola da infância em tempos de pandemia: ação docente para o ensino e aprendizagem on-line e presencial” – Edital nº 12/2021, que abordou os impactos da pandemia. A questão formulada foi: “Qual a sua concepção de leitura? Para você, o que é ler?”, de forma aberta. A análise dos dados revelou a necessidade de oferecer aos professores formação continuada sobre o tema da leitura.

Em conclusão, o levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa reforça a importância da literatura e da leitura no processo de formação humana, destacando as múltiplas dimensões que essas práticas podem assumir na educação. Ao abordar diferentes concepções e teorias sobre a leitura, foi possível compreender como o ato de ler vai além da simples decodificação de palavras, envolvendo aspectos cognitivos, sociais e culturais. A análise das contribuições dos autores selecionados oferece um panorama enriquecedor sobre a necessidade de práticas pedagógicas que incentivem uma leitura crítica, reflexiva e engajada, capaz de promover a formação de cidadãos conscientes e participativos. Diante disso, fica evidente que a construção de uma abordagem pedagógica eficaz para o desenvolvimento da leitura exige não apenas o domínio de técnicas e estratégias, mas também um compromisso ético com a formação integral dos sujeitos.

Em meio a uma vasta gama de textos que abordam o mesmo tema, a presente pesquisa se destaca por sua abordagem inovadora, ao ir além das análises convencionais. Este estudo propõe uma leitura comparativa entre

O Pequeno Príncipe e *O Pequeno Príncipe Preto*, utilizando a categoria dialética de conteúdo e forma como eixo central de análise. Essa perspectiva permite explorar as nuances e transformações entre as obras, revelando novas camadas de significado e ampliando o debate sobre suas dimensões literárias e culturais.

A análise proposta, ao explorar *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* sob a perspectiva da categoria dialética de conteúdo e forma, está profundamente conectada à formação humana, pois ambas as obras abordam questões essenciais para o desenvolvimento do indivíduo em sociedade.

Em primeiro lugar, *O Pequeno Príncipe* é amplamente reconhecido por tratar de temas universais como amizade, amor, responsabilidade e a busca por sentido, que são fundamentais para a reflexão sobre valores humanos e éticos. A obra convida os leitores a revisitar suas percepções e a resgatar a sensibilidade, a curiosidade e a empatia que, muitas vezes, se perdem na vida adulta.

Por outro lado, *O Pequeno Príncipe Preto* amplia essa discussão ao incorporar questões identitárias, raciais e sociais que são cruciais para a formação de indivíduos críticos e conscientes do mundo à sua volta. Ao trazer a experiência do protagonismo negro e discutir temáticas como pertencimento, igualdade e resistência, a obra oferece uma oportunidade de reflexão sobre a diversidade e a inclusão, aspectos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

A análise dialética de conteúdo e forma em ambas as obras permite compreender como a literatura pode ser um instrumento de formação humana, não apenas ao provocar reflexões profundas, mas também ao questionar estruturas sociais e culturais. Esse processo estimula o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, empatia e abertura ao diálogo, que são essenciais para a construção de sujeitos conscientes, engajados e capazes de transformar a realidade em que vivem. Dessa forma, a pesquisa contribui para a valorização da literatura como um recurso pedagógico e cultural indispensável na formação integral do ser humano.

O foco está em uma análise comparativa entre *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, à luz da categoria dialética de conteúdo e forma. Essa perspectiva

permite examinar como cada obra articula seus elementos narrativos e estéticos para expressar ideias e valores, considerando as particularidades contextuais, culturais e históricas de suas produções.

Ao adotar essa abordagem, a pesquisa busca compreender não apenas as similaridades e diferenças entre as obras, mas também como a forma literária serve como um meio de expressão do conteúdo e vice-versa, em um movimento dialético. Enquanto *O Pequeno Príncipe* é frequentemente interpretado como uma obra universal e atemporal, carregada de simbolismo e reflexões filosóficas, *O Pequeno Príncipe Preto* emerge como uma releitura que dialoga diretamente com questões identitárias, raciais e sociais contemporâneas, oferecendo uma perspectiva crítica e transformadora.

Assim, o estudo não se limita a comparar narrativas ou personagens, mas investiga como os recursos literários, a linguagem e as escolhas estilísticas de cada autor refletem e reforçam os temas abordados. Essa análise dialética permite explorar as tensões e convergências entre conteúdo e forma, revelando novas possibilidades interpretativas e contribuindo para um debate mais amplo e inclusivo sobre literatura e cultura. Dessa forma, a pesquisa se apresenta como uma contribuição original e relevante no campo dos estudos literários.

Portanto, a análise comparativa entre *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* sob a perspectiva dialética de conteúdo e forma não apenas enriquece o campo dos estudos literários, mas também contribui significativamente para a formação humana. Ao revelar como cada obra dialoga com questões universais e contextuais, a pesquisa evidencia o papel transformador da literatura na construção de valores, no desenvolvimento da criticidade e na promoção da empatia e da inclusão. Assim, ao propor novas formas de interpretar e vivenciar essas narrativas, este estudo reforça a importância da literatura como ferramenta essencial para o desenvolvimento ético, cultural e social do indivíduo, ampliando os horizontes de reflexão e ação em uma sociedade cada vez mais diversa e complexa.

3 A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA: TRANSCENDENDO A DECODIFICAÇÃO EM FAVOR DO PENSAMENTO CRÍTICO

Como essa pesquisa propõe investigar a relação da criança com a literatura como agente mediador para a formação humana, indo além da mera decodificação de grafemas e fonemas, promovendo a construção do pensamento crítico e a apropriação de significados, essa abordagem se alinha à capacidade única do ser humano de transformar a natureza para atender às suas necessidades e de criar objetos, conhecimentos e tecnologias, transmitindo-os entre gerações. Assim, como os avanços técnicos refletem a evolução da humanidade, o contato com a literatura permite que a criança herde e transforme o saber cultural, contribuindo para seu desenvolvimento intelectual e social.

Sendo assim, quanto maior a prática sócio-histórica acumulada pela sociedade, mais cresce e se complexifica o papel da educação, ou seja, Leontiev enfatiza que a sociedade acumula ao longo do tempo uma vasta gama de experiências, conhecimentos e habilidades, que constituem a "prática sócio-histórica". Essa prática é transmitida de geração em geração através da cultura, da linguagem, dos costumes e, principalmente, da educação. Com isso, a partir do aperfeiçoamento da produção das gerações passadas, torna-se necessário o desenvolvimento da educação em diferentes etapas (Leontiev, 1978).

Com isso, é preciso questionar como a leitura e a literatura estão sendo trabalhadas em sala de aula, visto que conforme Bataus e Giroto (2012), em determinados contextos, a leitura é utilizada apenas como uma ação que proporciona a decodificação das letras. Assim, devemos ir além da decodificação, visto que a alfabetização e formação leitora das crianças podem contribuir com a humanização das crianças. Por isso, o professor não deve ter um olhar sobre a leitura como aquela apenas relacionada ao gosto, puramente linguística ou exclusivamente a partir de fonemas e grafias isolados, porque isso elimina as trocas sociais entre o professor e os alunos e acaba excluindo o fato de serem pessoas cheias de vida. Não podemos deixar que a formação das crianças se afaste da humanização (Arena, 2021).

Nesse sentido, discutiremos:

3.1 LEITURA PELA DECODIFICAÇÃO: A LIMITAÇÃO DA ABORDAGEM MECÂNICA

Frequentemente, os textos oferecidos às crianças, seja em livros literários ou didáticos, não contam com a mediação apropriada dos professores. No entanto, a intervenção e as propostas feitas pelos docentes influenciam as concepções de leitura das crianças e, conseqüentemente, a forma como elas constroem o significado e percebem a importância da leitura (Bataus; Giroto, 2012).

Assim, o professor pode distanciar o aluno do universo da leitura ao priorizar outros conteúdos, como a gramática, por exemplo. Esse enfoque pode reduzir o encanto da leitura, transformando-a em uma tarefa mecânica, sem atender às necessidades de aprendizagem que são essenciais para o desenvolvimento humano do estudante.

Na contramão da nossa concepção acerca de leitura, como um ato de ler, vale destacar os escritos de Emilia Ferreiro sobre alfabetização, baseada na psicogenética e na construção ativa do conhecimento, que representa uma grande contribuição para o campo da educação, mas também não está isenta de críticas. Embora sua abordagem tenha sido revolucionária ao desafiar visões tradicionais de alfabetização, algumas questões podem ser levantadas sobre certos aspectos de sua teoria e sua aplicação prática.

A autora Emilia Ferreiro (2017), apresenta a teoria psicogenética da alfabetização, focando na maneira como as crianças constroem o conhecimento sobre a escrita ao longo de seu desenvolvimento. Ferreiro, fundamentada pelos estudos de Jean Piaget, propõe que a decodificação, habilidade de associar grafemas e fonemas, é parte do processo de apropriação da escrita.

De acordo com Ferreiro (2017), a criança não aprende a ler e escrever de forma mecânica, mas constrói hipóteses sobre a escrita ao longo do tempo, testando-as e revisando-as com base nas interações com o ambiente e com os textos. Segundo a autora, a decodificação por si só não garante compreensão. Para que a leitura seja efetiva, é necessário que a criança compreenda o significado do que está lendo. A decodificação sem compreensão não leva a uma verdadeira apropriação da língua escrita. Assim, a alfabetização

vai além da decodificação, envolvendo o desenvolvimento da competência semântica, ou seja, a habilidade de atribuir significados aos textos lidos.

Ferreiro (2001), destaca que a decodificação não é apenas o reconhecimento de letras e sons, mas envolve um processo de compreensão sobre como as palavras são formadas e como o sistema de escrita reflete a organização fonológica da linguagem. Assim como Ferreiro, Teberosky também adota uma visão psicogenética do processo de alfabetização, sugerindo que as crianças constroem hipóteses sobre a escrita ao longo do tempo. Essas hipóteses não se limitam apenas à decodificação, envolvem também uma compreensão dos princípios da escrita, como a relação entre fonemas e grafemas, o funcionamento do sistema alfabético e a estrutura das palavras.

Teberosky (2000) entende que a decodificação, capacidade de associar letras a sons, é uma habilidade fundamental e necessária para que a criança se inicie no processo de leitura. Ela defende que, sem essa habilidade, a criança não seria capaz de realizar a leitura de palavras escritas. Portanto, a decodificação é vista como a base para o desenvolvimento posterior de uma leitura mais fluente e compreensiva.

Para Teberosky (2000), a decodificação é um dos primeiros marcos no processo de alfabetização, e deve ser vista como a fase inicial de um processo que inclui não apenas a capacidade de ler palavras, mas também de compreender as informações nelas contidas. Em sua abordagem, ela defende que a criança deve ser capaz de decodificar as palavras para, a partir disso, desenvolver a habilidade de interpretar e atribuir significados ao que lê. A autora também destaca que a decodificação é essencial para que a criança se torne autônoma na leitura. A habilidade de entender a relação entre fonemas e grafemas permite que a criança, ao aprender a ler, possa fazer isso sem depender diretamente de um facilitador, como o professor, em todos os momentos. De acordo com a autora, a decodificação é, portanto, fundamental para que ela consiga decifrar novas palavras e textos, o que é um passo importante para o desenvolvimento da fluência leitora.

Em contraponto, para Vigotski (1987), a leitura não é um processo mecânico de decodificação de símbolos, mas uma atividade de significação e compreensão que ocorre no contexto social, mediada pela interação com outros e pelo uso do conhecimento prévio. Vigotski traz a crítica

de uma visão limitada que trata a decodificação como a única habilidade necessária para a leitura. Para ele, a leitura deve ser compreendida como um processo sociocognitivo, que envolve interação, mediação e compreensão do texto. A decodificação é apenas uma parte desse processo mais amplo, e a verdadeira competência leitora exige a capacidade de compreender, interpretar e refletir sobre o que é lido, o que implica um desenvolvimento cognitivo e social mais profundo.

Ferreiro (1997), destaca que a criança não aprende a ler e escrever de uma forma passiva, repetitiva ou mecânica. Para ela, a decodificação das letras está intimamente ligada ao desenvolvimento de um entendimento mais profundo sobre os conceitos que envolvem a escrita e a língua. Além disso, segundo Ferreiro (2017) a decodificação, entendida como a habilidade de "ler" palavras com base na correspondência entre letras e sons, é um passo importante, mas não suficiente para que a criança se torne um verdadeiro leitor. Nesse sentido, a autora argumenta que a aprendizagem da escrita envolve a construção de hipóteses cognitivas que as crianças formam ao interagir com a língua escrita, e estas hipóteses precisam ser testadas e modificadas ao longo do tempo, à medida que as crianças experimentam a escrita em diferentes contextos.

Para Teberosky (2000), a decodificação é a chave de entrada no sistema da escrita, sem ela, a criança não pode se tornar uma leitora fluente, capaz de compreender o que lê. No entanto, é preciso ter em mente que a verdadeira competência leitora vai além da decodificação e exige que a criança desenvolva a habilidade de interpretar e atribuir significados aos textos.

Portanto, é correto afirmar que a habilidade de decodificar as palavras com base na correspondência entre letras e sons é um passo importante, mas não suficiente para que a criança se torne um verdadeiro leitor. A decodificação, embora fundamental para o processo inicial de alfabetização, deve ser entendida como uma habilidade técnica que precisa ser aliada a outros aspectos do desenvolvimento da leitura. Ser um verdadeiro leitor implica muito mais do que apenas reconhecer palavras no papel, envolve a capacidade de compreender, interpretar e refletir sobre o texto lido. Para isso, a criança precisa desenvolver uma compreensão profunda sobre a estrutura da língua, os significados das palavras e as relações entre elas no contexto do texto. Além

disso, a leitura não é um processo isolado, mas exige que a criança estabeleça conexões entre o que lê e sua própria experiência de mundo, utilizando a leitura como ferramenta para ampliar seu conhecimento e seu pensamento crítico. Assim, a habilidade de decodificar palavras é apenas o início de um processo mais amplo, que inclui a interpretação significativa dos textos e a utilização da leitura para o desenvolvimento cognitivo e social.

De acordo com Ferreiro (2017), a decodificação por si só não garante compreensão. Para que a leitura seja efetiva, é necessário que a criança compreenda o significado do que está lendo. A decodificação sem compreensão não leva a uma verdadeira apropriação da língua escrita. Assim, a alfabetização vai além da decodificação, envolvendo o desenvolvimento da competência semântica, ou seja, a habilidade de atribuir significados aos textos lidos.

Para Teberosky (2000), a decodificação, embora seja um dos primeiros passos no processo de alfabetização, não deve ser vista como o fim. Ela precisa ser acompanhada da compreensão do texto e da capacidade de atribuir significados ao que se lê, ou seja, a verdadeira competência leitora vai além do ato mecânico de decodificar, reforçando a compreensão de que a decodificação é apenas um estágio inicial na formação de um leitor competente, sendo essencial que a criança também desenvolva habilidades de interpretação e reflexão sobre os textos que lê.

Nesse sentido, é correto afirmar que a decodificação sozinha não garante a compreensão, pois para a leitura ser efetiva, é necessário que a criança entenda o significado do que está lendo. A simples habilidade de associar letras aos sons não é suficiente para que a criança se aproprie do conteúdo do texto de maneira profunda. A verdadeira alfabetização envolve, além da decodificação, o desenvolvimento de uma compreensão crítica e reflexiva sobre o que está sendo lido. A criança precisa ser capaz de interpretar e atribuir significados ao texto, o que exige a utilização de seu conhecimento prévio, de suas experiências e de suas habilidades cognitivas.

Portanto, a alfabetização vai além da decodificação, e envolve a compreensão e a interpretação dos textos, sendo essencial para o desenvolvimento de um leitor competente. A leitura não deve ser vista apenas como um processo mecânico de reconhecimento de palavras, mas como uma habilidade complexa que envolve a construção de significados. O papel do

professor é fundamental nesse processo, pois deve proporcionar condições para que a criança desenvolva suas habilidades de interpretação, reflexão e análise, ajudando-a a construir uma compreensão mais ampla e significativa do mundo por meio da leitura.

Teberosky (2000) defende a decodificação como um componente essencial do processo de alfabetização, pois permite que a criança tenha acesso ao mundo da leitura. No entanto, ela também enfatiza que a decodificação não é o fim, mas sim o ponto de partida para o desenvolvimento de uma leitura significativa, que envolva a compreensão, interpretação e reflexão sobre os textos. A habilidade de decodificar deve ser acompanhada de uma aprendizagem mais ampla que leve a criança a se tornar uma leitora crítica e autônoma.

Para Ferreiro (2017), a decodificação é uma ferramenta importante no processo de alfabetização, mas não deve ser vista como o principal objetivo. A verdadeira aprendizagem da leitura e escrita envolve a integração de conhecimentos cognitivos, linguísticos e sociais. Ou seja, a criança precisa entender não apenas como se dá a correspondência entre letras e sons, mas também como essas letras formam palavras, frases e textos que carregam significados no contexto social e cultural em que estão inseridos.

Portanto, para Ferreiro (2017), a decodificação é uma parte importante desse processo, mas é o desenvolvimento de uma compreensão profunda e crítica da escrita que permite à criança se tornar um verdadeiro leitor e escritor.

3.2 A LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS E REFLEXIVOS

Podemos afirmar que houve grande contribuição do construtivismo na alfabetização, mas o foco da alfabetização humanizadora, ao encontro da Teoria Histórico-Cultural, possui outra perspectiva. Por isso, é importante ressaltar que Vigotski (2000) critica o ensino da escrita como simples decodificação das letras, defendendo que deve prevalecer sua função social. Segundo ele, ensina-se a criança a traçar letras e formar palavras, mas não se ensina a verdadeira linguagem escrita. Vigotski não rejeita a decodificação das

letras, mas critica uma abordagem que a trate como um processo isolado e mecânico no desenvolvimento da leitura e da escrita. Portanto, quando se trabalha a leitura desconsiderando-a de sua prática cultural ou quando se utiliza um texto literário apenas como pretexto para ensinar outro conteúdo, não se está trabalhando a leitura como compreensão, mas como técnica, o que não contribui com a escrita, nem mesmo com a formação leitora.

A partir disso, surge a necessidade de proporcionar às crianças condições para que criem a necessidade pela leitura, apresentando a elas a relevância e a importância da leitura na comunicação, na vida social e para desenvolver a imaginação, como ação fundamental para a formação do ser humano.

Os professores encontram dificuldades quanto à realização de práticas significativas relacionadas à formação de leitores mirins, pois restringem a leitura aos livros didáticos. Assim, a leitura fica reduzida à manipulação mecânica de sequências e à decodificação das letras. As estratégias de formação de leitores são deixadas como atividade complementar (Silva; Arena, 2015).

Quando a leitura é reduzida à simples manipulação mecânica de sequências e à decodificação das letras, como apontam Silva e Arena (2015), perde-se a oportunidade de formar leitores críticos e reflexivos. Nesse sentido, podemos afirmar que a relação entre leitura e literatura é fundamental e interdependente. A literatura é composta por obras escritas que expressam a criatividade, a imaginação e a experiência humana. A leitura, por sua vez, é o ato de decifrar e interpretar esses textos literários.

Nesse contexto, as estratégias para o desenvolvimento da leitura acabam sendo tratadas como atividades secundárias, sem o devido foco e atenção. Para que as crianças se percebam como sujeitos ativos e engajados no processo de leitura, é fundamental que o professor adote uma abordagem mais significativa. Ao tratar a leitura e a literatura infantil como uma forma de arte, o educador inspira os alunos a explorar esse universo, incorporando suas experiências e conhecimentos prévios na interpretação dos textos, o que desperta o interesse pela leitura e contribui para a construção do conhecimento de maneira colaborativa e profunda.

As crianças precisam se perceber como sujeitos com voz e vez, para que despertem o interesse em participar de atividades colaborativas e, gradualmente, construam o conhecimento. É essencial que o professor trabalhe a leitura e a literatura infantil como uma forma de arte, inspirando os alunos a explorarem esse universo e a trazerem suas experiências e conhecimentos prévios para a interpretação dos textos. (Bataus; Girotto, 2012).

A leitura se institui somente quando o leitor estabelece uma relação com o texto e com o autor, numa atitude responsiva que o torna capaz de refutar, refletir e reavaliar o que leu. Do contrário, essa leitura não se constitui como tal, se fecha em si mesma. E esse é o papel mediador do professor e da escola, no processo de apropriação da leitura e da literatura pelas crianças pequenas (Silva; Arena, 2012).

Portanto, nesse sentido,

A prática de leitura não deve se associar de maneira isolada à disciplina de Língua Portuguesa, ela, necessariamente, tem que se instaurar em todas as outras áreas a fim de consolidar a interdisciplinaridade dos conhecimentos. Nesse sentido, não se pode apenas falar em leituras, mas em várias possibilidades de leituras que podem surgir ao passo que nascem novas pretensões de compreensão e interpretação, ou seja, a leitura de um dado texto nunca será a mesma em cada momento que nós a repetimos, pois o olhar, o foco em cada dimensão que ele pode nos oferecer propicia a renovação de nossa interpretação (Kanashiro; Franco; Silva. 2014. p.9)

Em vista disso, é correto afirmar que as crianças devem se reconhecer como sujeitos ativos para participar de atividades colaborativas e construir conhecimento. O professor deve tratar a leitura e a literatura infantil como formas de arte, incentivando a conexão com os textos e a reflexão crítica. A leitura só se efetiva quando o leitor estabelece uma relação responsiva com o texto, permitindo reavaliações e interpretações. Assim, o papel do professor e da escola é mediar esse processo e integrar a leitura de forma interdisciplinar, valorizando diversas possibilidades interpretativas que evoluem a cada nova interação com o texto.

Sabemos que a leitura é um processo que tem início antes mesmo de a criança ingressar na escola, e que tem continuidade após a conclusão do ciclo de formação acadêmica, entretanto, é a escola que possui a responsabilidade pela leitura e escrita em nossa sociedade. Em síntese, a

literatura fornece o conteúdo e a leitura é o meio pelo qual esse conteúdo é vivenciado e compreendido. Juntas, elas enriquecem a experiência humana e promovem a reflexão sobre o mundo.

A literatura permite diversos modos de comunicação, quando a criança possui familiaridade com diferentes tipos de literatura, estima-se que ela consiga se comunicar com o outro com maior facilidade. A leitura permite que os leitores interpretem e compreendam os significados, temas e emoções presentes nas obras literárias. Cada leitor pode ter uma experiência única com o mesmo texto.

Além disso, a leitura de obras literárias pode aprofundar a compreensão de contextos históricos, sociais e culturais, pode inspirar a criatividade, tanto na escrita quanto em outras formas de expressão artística. Ou seja, a literatura explora a condição humana, permitindo que os leitores se conectem com diferentes perspectivas e experiências.

Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura é um reflexo das experiências humanas em diferentes contextos históricos e culturais. A leitura de obras literárias permite que os alunos contextualizem suas aprendizagens, relacionando-as com suas próprias experiências e com a sociedade em que vivem. Portanto, a criação literária e a leitura estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da linguagem. A literatura oferece um rico vocabulário e diferentes estilos de escrita, que podem ser explorados durante o processo de leitura, contribuindo para a formação da linguagem e da capacidade expressiva dos leitores.

Em resumo, é possível concluir que na perspectiva histórico-cultural, a criação literária e a aprendizagem da leitura são vistas como processos dinâmicos e interativos, que se nutrem mutuamente e que dependem de contextos sociais e culturais para se desenvolverem plenamente.

[...] ao ler tomamos consciência do outro, da existência do outro que produziu o texto, ao mesmo tempo que confirmamos a nossa presença na conversa mantida com o texto pela maneira que aprendemos a ler e pelo reconhecimento do texto como texto. Dessa forma, a leitura é um diálogo que se faz com o passado, representado pelos textos, em um contexto socialmente determinado, que é a nossa comunidade de leitores que nos diz o que ler, como ler e por que ler (Cosson, 2021, p. 15).

Nesse sentido, é correto afirmar que a leitura é um diálogo com o outro e com o passado, pois ao ler, tomamos consciência da presença do autor e reafirmamos nossa própria participação na conversa com o texto. Esse processo ocorre dentro de um contexto socialmente determinado, em que a comunidade de leitores nos orienta sobre o que, como e por que ler.

De acordo com os estudos de Vygotsky, superar a mera decodificação das letras é essencial porque a verdadeira aprendizagem da leitura e da escrita vai além do reconhecimento mecânico dos símbolos e está profundamente ligada ao desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Para Vygotsky, a leitura não é apenas decifrar letras, mas compreender os significados que as palavras e os textos transmitem. A aprendizagem deve focar na atribuição de sentido, conectando o que é lido à experiência de vida e ao conhecimento prévio do aluno.

A leitura significativa promove o desenvolvimento de capacidades cognitivas superiores, como análise, síntese e reflexão. A decodificação isolada limita o potencial criativo e crítico do aluno, enquanto a leitura compreensiva amplia essas capacidades. Segundo Vigotski (1987), o ato de ler está ligado ao contexto social e cultural do indivíduo, sendo a aprendizagem da leitura mais do que uma decodificação mecânica, mas que envolve a construção ativa de significados através do diálogo com o texto e com a comunidade de leitores.

Vigotski (1987) aponta que a linguagem escrita deve ser vista como uma extensão e transformação da linguagem oral. A ênfase na compreensão ajuda a conectar essas formas de linguagem, fortalecendo a capacidade comunicativa da criança.

Arena (2010), afirma que a escola, como instituição responsável por apresentar o conteúdo científico e sistematizado às crianças, tem historicamente construído a ideia de que a relação entre o leitor e o autor do texto deve priorizar a valorização sonora em vez da atribuição de significado. Mais que uma atividade mecânica, a leitura envolve a construção ativa de significados em diálogo com o texto e a comunidade de leitores, conectando linguagem oral e escrita. A ênfase na compreensão fortalece a comunicação,

mas a escola historicamente tem priorizado a valorização sonora sobre a atribuição de sentido na relação entre leitor e texto.

Podemos afirmar que a leitura vai além de um processo de correspondência entre símbolos sonoros e gráficos, sendo essencial que o aluno compreenda e atribua sentido ao que está lendo. No entanto, a escola tem historicamente priorizado a valorização sonora sobre a atribuição de sentido, o que restringe a verdadeira apropriação da linguagem escrita e limita o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva dos alunos.

Uma prática comum em sala de aula é a leitura de textos, dividindo os parágrafos entre as crianças, que se preocupam mais em pronunciar as palavras de maneira correta, apenas vocalizando o texto, sem atribuir sentido ao que estão lendo, o que nos leva a questionar e avaliar se com isso o professor deseja que os alunos compreendam o texto ou se apenas exigem a pronúncia correta durante a leitura (Silva; Arena, 2015).

As palavras devem ser reconhecidas rapidamente pela criança, não meramente decodificadas. Nos casos em que o aluno não é capaz de reconhecer e entender as palavras, a memória está sendo usada para decodificar as palavras, restrita ao som das letras e suas combinações, não sobrando memória para atribuir sentido à palavra (Giroto; Souza, 2010), ou seja, quando o aluno não consegue entender as palavras, a memória se limita à decodificação dos sons, sem espaço para atribuir significado ao que está sendo lido.

Os professores ensinam atos de leitura que impedem a criança de aprender a compreender, porque ensinam-as a pronunciarem e decodificarem as letras, a traduzirem do papel para a fala, mas não ensinam a dialogar, interpretar e discutir as ideias trazidas pelo texto. Para criar sentido ao ato de ler é necessário que ocorra o diálogo entre o leitor e o texto, em que o primeiro deve atribuir sentido ao que está sendo lido e concordar ou discordar do autor, a partir das interações entre as experiências já adquiridas pelo sujeito (Silva; Arena, 2015).

Nesse sentido, podemos afirmar que os professores, ao focarem na pronúncia e decodificação das palavras, impedem a criança de aprender a compreender textos, pois não ensinam a dialogar, interpretar e discutir as ideias apresentadas. Para atribuir sentido à leitura, é essencial que o leitor interaja com

o texto, atribuindo significado e concordando ou discordando do autor com base em suas próprias experiências.

Os professores frequentemente focam na decodificação e pronúncia, mas não ensinam as crianças a dialogar, interpretar e discutir as ideias do texto. Para que a leitura tenha sentido, é essencial que o leitor interaja com o texto, atribuindo significado e refletindo com base em suas experiências.

Conforme o enfoque histórico-cultural, a leitura e a escrita são instrumentos culturais essenciais para o desenvolvimento da inteligência da criança, visto que o processo de apropriação passa pela realização e desenvolvimento de diversas atividades como desenho, pintura e linguagem. Mas como citado anteriormente, a leitura tem se constituído com base na decodificação e não modifica a visão de mundo do leitor, apenas concentra a atenção na identificação de signos sem que haja a compreensão (Martins, 2018).

Além disso, de acordo com a autora, a literatura provoca uma experiência interna no leitor, pois, mesmo retratando um lugar distante, desperta no leitor o sentimento de pertencimento. Ao estimular o imaginário, ela se transforma em linguagem. Dessa forma, a literatura desempenha um papel essencial na formação humana, promovendo o desenvolvimento da memória, atenção, imaginação e pensamento abstrato (Martins, 2018).

Quando proporcionamos para a criança vivências da literatura como arte, possibilitamos uma transformação no modo de pensar e agir do sujeito, melhorando, qualitativamente, suas capacidades como leitor, tornando uma prática social que contribui para a compreensão de sua própria realidade (Martins, 2018).

[...] Em seu processo de alfabetização, as crianças não se apropriam [...] dos enunciados escritos compostos por signos esterilizados, mas por signos que expressam a cultura histórica e social de uma nação, temperados com as particularidades que caracterizam as classes sociais e os posicionamentos políticos e morais em situações reais de vida." (Arena, 2021, p. 1)

De acordo com Miller (2020), o desenvolvimento do ser humano é guiado por leis sócio-históricas, de modo que todos os avanços conquistados pela humanidade dependem de suas atividades realizadas, ao longo da história, em cooperação com outros sujeitos. A linguagem está dentre as criações do

homem, e é responsável por saltos qualitativos no desenvolvimento cultural da humanidade.

Segundo Miller (2020), o processo de alfabetização, quando considera-se o enunciado como objeto a ser dominado pelos alunos, foca apenas no desenvolvimento da compreensão dos signos, superando o reconhecimento e decodificação de sinais restritos ao domínio do sistema da língua, o que faz, segundo a autora, com que a criança somente identifique formas linguísticas previamente memorizadas e transforme-as em palavras que sucessivamente vão sendo traduzidas sem formarem um sentido unitário para o objeto da leitura.

Sendo assim, é correto afirmar que a linguagem, uma criação humana, é fundamental para os saltos qualitativos no desenvolvimento cultural. No processo de alfabetização, ao focar no domínio dos signos, o ensino deve ir além da decodificação e reconhecimento mecânico, permitindo que a criança atribua significado ao texto, em vez de apenas memorizar formas linguísticas e transformá-las em palavras sem um sentido coeso.

Quando o processo de alfabetização é conduzido exclusivamente por meio de formas linguísticas do sistema da língua, os alunos são levados a memorizá-las, identificá-las no momento da leitura e a evocá-las no momento da escrita, decodificando e codificando unidades que vão se juntando para formar palavras que não têm nenhum compromisso com a realidade da língua e dos sujeitos. A função mnemônica é altamente requisitada; a criança necessita memorizar formas linguísticas que serão objeto de reconhecimento na leitura e de rememoração no momento da escrita. Entretanto, a criança em idade escolar tem novas funções a desenvolver, como a função intelectual, o raciocínio lógico, a consciência e o pensamento teórico (que utiliza as capacidades de análise, reflexão e de planejamento mental no entendimento dos dados da realidade). É a fase do desenvolvimento em que conhecimentos científicos constituem-se como objeto de estudo e são veículo de formação das capacidades próprias do pensamento teórico (Miller, 2020, p.13)

Pensando assim, de acordo com Miller (2020), o trabalho com a leitura e a produção escrita deixa de ser meramente formal e passa a ser realmente um instrumento de humanização do aluno, visto que como usuária da língua, a criança está inserida em um processo formativo que lhe possibilita o

domínio e compreensão dos discursos e desenvolve sua capacidade de produzir diálogos, para assim, ser um sujeito ativo e transformador do meio em que vive.

Quando a alfabetização se baseia apenas na memorização e decodificação de formas linguísticas, desconectadas da realidade dos sujeitos, limita-se o desenvolvimento de funções intelectuais, como raciocínio lógico, análise e reflexão. Nesta fase escolar, é essencial integrar conhecimentos científicos que promovam o pensamento teórico. Assim, a leitura e a escrita deixam de ser atividades formais e tornam-se instrumentos de humanização, permitindo à criança dominar e compreender discursos, produzir diálogos e atuar como agente transformador no meio em que vive.

É por meio da apropriação da leitura e escrita que a criança vai compreender as funções da linguagem e como se comunicar por meio dela, conhecendo novas maneiras de ver o mundo construído pelos homens, para assim, compreender e transformá-lo. A alfabetização na perspectiva humanizadora é se afastar da decodificação, não se limitando a aspectos técnicos do ensino da linguagem escrita. Para isso, é necessário tornar o educando ativo em todo o processo, com interesse, autonomia e criticidade, acreditando em uma educação transformadora, que leva em consideração a subjetividade de cada sujeito (Arena, 2021).

É necessário que a criança pense sobre o que foi lido ao final de cada página, antes de prosseguir com a leitura, ou seja, precisa da reflexão sobre quais detalhes são importantes e sintetizar as informações constantemente, o que contribui para que o leitor elabore o significado do texto (Giroto; Souza, 2010).

Portanto, é imprescindível ir além da decodificação, promovendo a compreensão das funções da linguagem e sua utilização para entender e transformar o mundo. Esse processo exige a participação ativa do educando, com interesse, autonomia e criticidade, valorizando sua subjetividade. A reflexão constante durante a leitura, identificando detalhes importantes e sintetizando informações, ajuda a construir o significado do texto e fortalece a formação de um leitor crítico e transformador.

Ao estabelecer um trabalho com a leitura, é interessante observar a reação das crianças. O retorno daquilo que foi compreendido só acontece se o ato de ler fez sentido, ou seja, se o objeto de estudo foi

compreendido. Quando a leitura vai além da decodificação, percebe-se uma explosão de sentidos. Desta forma, os alunos tendem a expressar não apenas o que estava escrito, mas o que sentiram, compreenderam e interpretaram, formando a contemplação do ato de ler (Kanashiro; Franco; Silva, 2014).

Sendo assim, a linguagem escrita, diferentemente da fala, é um sistema de símbolos que vai além da simples decodificação de palavras; ela exige a construção de significados (Vigotski, 1987).

Superar a decodificação, portanto, é fundamental para transformar a leitura em uma prática que desenvolve não apenas habilidades técnicas, mas também o pensamento crítico e a apropriação de significados, elementos indispensáveis para a formação integral do indivíduo.

Apesar de ser um processo complexo, para Vygotsky (1987), a superação da decodificação de letras na alfabetização é um processo complexo e essencial para a formação de leitores competentes. A decodificação, é apenas o primeiro passo no processo de leitura. Vygotsky enfatiza que a leitura verdadeira vai além da decodificação, envolvendo a compreensão do significado do texto e a capacidade de interpretar e analisar as informações.

Portanto, a leitura não é apenas um processo mecânico de decodificação, mas sim uma atividade significativa que envolve a construção de sentido. O aluno precisa ser capaz de relacionar o texto com suas experiências, conhecimentos e emoções para que a leitura seja verdadeiramente significativa.

A superação da decodificação de letras na alfabetização é um processo gradual que requer tempo, prática e apoio pedagógico. Ao enfatizar a importância da compreensão, da interação social e da mediação, podemos afirmar, baseados nos estudos de Vigotski, que a alfabetização é um processo que vai além da decodificação, envolvendo a compreensão, a interação social e a construção de significado.

4 O PEQUENO PRÍNCIPE E O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO

Podemos afirmar com base nas discussões anteriores, que a literatura, quando explorada em sua integralidade, possui um enorme potencial para a formação humana. Ao ir além da decodificação, a leitura literária nos convida a mergulhar em universos ficcionais que nos permitem experienciar diferentes realidades, emoções e perspectivas. Através da análise do conteúdo e da forma, podemos desvendar as sutilezas da linguagem, os simbolismos presentes nas narrativas e as reflexões que os autores nos propõem. Dessa forma, a literatura se torna um instrumento poderoso para o desenvolvimento do senso crítico, da empatia, da criatividade e da capacidade de reflexão, contribuindo para a formação de indivíduos mais humanos e engajados com o mundo ao seu redor.

A análise comparativa entre 'O Pequeno Príncipe' e 'O Pequeno Príncipe Preto' revela como a releitura de Rodrigo França, ao mesmo tempo em que homenageia a obra original, estabelece um diálogo crítico e reflexivo com ela. Ao recontextualizar a narrativa no cenário brasileiro e trazer à tona questões como racismo e desigualdade social, França expande o universo simbólico da obra de Saint-Exupéry, convidando-nos a repensar os valores e as mensagens transmitidas. Acreditamos que a análise da categoria conteúdo e forma em ambas as obras permitirá traçar um panorama rico e complexo sobre a literatura infantil contemporânea, revelando como ela pode ser um instrumento poderoso para a promoção da igualdade, da inclusão e da transformação social.

4.1 CATEGORIA DIALÉTICA CONTEÚDO E FORMA

A literatura infantil é fundamental para a formação de valores, a imaginação e o desenvolvimento das crianças, conectando o lúdico ao educativo. Ao longo do tempo, várias obras abordaram temas universais de forma simples e envolvente, ajudando as crianças a entender questões complexas de maneira próxima às suas experiências.

Neste contexto, a análise comparativa das duas obras de literatura infantil: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, oferece uma rica oportunidade de

reflexão sobre como essas narrativas abordam temas como identidade, amizade e busca por sentido, ao mesmo tempo em que exploram as distintas formas de expressão literária e cultural. A partir dessa análise, foi possível observar as semelhanças e diferenças entre as obras, considerando os contextos históricos, sociais e culturais que influenciam suas narrativas e a maneira como elas dialogam com as gerações mais jovens.

De acordo com Marx (1867), o propósito de uma categoria dialética é compreender a realidade em sua totalidade, movimento e transformação. As categorias dialéticas são ferramentas conceituais que nos permitem analisar as contradições inerentes à realidade e as relações de interdependência entre os fenômenos. Na presente pesquisa, a análise comparativa entre as duas obras foi fundamentada na categoria dialética conteúdo e forma, que se refere à relação intrínseca e dinâmica entre o que é transmitido (conteúdo) e a maneira como isso é expressado ou estruturado (forma). A categoria de conteúdo e forma é usada para analisar como a ideia ou mensagem é expressa por meio de uma estrutura específica e como essas duas partes se influenciam e se conectam.

O conteúdo é a essência ou o significado de algo, consiste na ideia, o conceito, a mensagem ou o tema central que se deseja transmitir. Em uma obra literária, o conteúdo pode ser, por exemplo, os valores, conflitos ou reflexões que ela busca abordar. A forma é o modo como o conteúdo é organizado, estruturado ou apresentado. Por exemplo, em literatura infantil, um conteúdo como a amizade pode ser explorado em diferentes formas, como uma narrativa poética ou uma história em quadrinhos. A escolha da forma não é neutra, pois afeta como o leitor compreende e se relaciona com o conteúdo (Marx; Engels, 2013).

A compreensão dessa relação dialética é fundamental para interpretar textos e fenômenos culturais de maneira mais profunda, reconhecendo a unidade dinâmica entre o que se diz e como se diz.

A categoria dialética de conteúdo e forma é uma ferramenta teórica que permite analisar uma obra literária, ou qualquer manifestação artística, a partir de duas dimensões interdependentes, mas distintas, que se relacionam e se influenciam mutuamente. Essa categoria é fundamental para entender como a literatura, ao mesmo tempo em que transmite ideias,

sentimentos e visões de mundo (conteúdo), também o faz por meio de uma estrutura particular (forma).

O conteúdo de uma obra refere-se aos temas, mensagens, ideias e valores que a obra transmite. É o "quê" da obra, o que ela comunica ao leitor. No caso dos livros *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto*, por exemplo, o conteúdo inclui questões como a busca por sentido na vida, a reflexão sobre a infância, a amizade, o amor, a solidão, e a identidade. O conteúdo é, portanto, o conjunto de elementos que compõem a narrativa, como personagens, enredo, e os valores que o autor deseja transmitir (Marx, 1983).

A forma, por outro lado, diz respeito à maneira como o conteúdo é estruturado e apresentado. Ela envolve o "como" a obra é construída, ou seja, o estilo narrativo, a linguagem utilizada, a construção dos personagens, a estrutura do enredo, os símbolos e os recursos literários empregados pelo autor. A forma é a maneira pela qual o conteúdo é veiculado ao leitor. Para *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto*, as formas podem incluir a escolha de uma linguagem poética e simbólica, o uso de personagens arquetípicos, o formato de narrativa e até mesmo a construção visual dos livros (Marx, 1983).

Para Marx e Engels (2013), o conteúdo de uma obra está diretamente relacionado às condições materiais e sociais da época em que a obra foi produzida. O conteúdo, ou seja, as ideias, os temas e as mensagens de uma obra, refletem a base econômica e as relações de classe existentes em uma sociedade. Em outras palavras, o conteúdo de uma obra não é apenas uma expressão individual ou subjetiva do autor, mas é moldado pelas condições materiais e sociais da realidade em que ele vive. O conteúdo está, assim, vinculado à luta de classes, à economia, às condições de produção e ao modo de produção vigente.

Marx e Engels (2013) acreditavam que a arte pode ser vista como um reflexo da sociedade, mas também como uma forma de crítica e resistência a essa sociedade. Portanto, o conteúdo de uma obra pode expressar as contradições sociais e econômicas, as tensões de classe, ou ainda as ideologias dominantes. A forma, para Marx (1983), refere-se à maneira como o conteúdo é organizado e expresso. Embora a forma tenha uma certa autonomia, ela é sempre determinada pelas condições materiais da época. A forma de uma obra não pode ser dissociada do contexto histórico e material em que foi criada.

De acordo com Marx (1983), a forma é também uma maneira de expressar e representar as condições materiais e ideológicas de uma sociedade. A estrutura narrativa, o estilo de escrita, os personagens e os símbolos usados em uma obra literária são formas que têm uma função ideológica, sendo produtos das relações sociais e do modo de produção. Mesmo em obras que pareçam "artísticas" ou "distantes" das questões sociais, a forma ainda carrega a marca de sua produção dentro de um determinado contexto.

A dialética entre conteúdo e forma se baseia na ideia de que uma obra literária não pode ser compreendida apenas separando essas duas dimensões. Elas são inseparáveis e se influenciam mutuamente. A forma de uma obra pode reforçar ou intensificar o conteúdo, e o conteúdo pode, por sua vez, determinar a escolha da forma. (Marx; Engels, 2013).

Por exemplo, o estilo poético e simbólico de *O Pequeno Príncipe* (forma) é uma maneira de abordar de forma mais profunda e sutil temas como a infância e a solidão (conteúdo). Da mesma forma, a narrativa de *O Pequeno Príncipe Preto* pode ser influenciada por sua proposta de representar a experiência africana e a identidade negra, o que se reflete nas escolhas formais da obra, como a adaptação de personagens e simbolismos

De acordo com Marx (1983), conteúdo e forma estão em uma relação dialética. O conteúdo de uma obra é determinado pelas condições materiais e sociais, mas essas condições podem ser transformadas pela forma como o conteúdo é expresso. A forma é, portanto, uma maneira de organizar e expressar o conteúdo de acordo com as possibilidades históricas e materiais de uma época.

Portanto, a dialética entre conteúdo e forma também está presente na ideia de que, com o desenvolvimento das forças produtivas e a mudança nas relações sociais, as formas de expressão artística e literária mudam. O conteúdo de uma obra, à medida que evolui, pode gerar novas formas, e as formas podem, por sua vez, alterar a maneira como o conteúdo é compreendido.

Para Marx (1983), conteúdo e forma não são elementos independentes. Eles estão profundamente interligados e são moldados pelas condições materiais e pelas relações de classe. A dialética, nesse sentido, significa que o conteúdo de uma obra, ao abordar questões sociais e

econômicas, está intrinsecamente ligado à forma como essas questões são expressas.

Marx e Engels (2013) argumentavam que a literatura e a arte poderiam ser usadas como uma ferramenta de crítica social. Quando os artistas ou escritores abordam as contradições do sistema social, a forma com que o fazem pode influenciar a maneira como essas questões são compreendidas pelo público. A literatura revolucionária, por exemplo, pode adotar uma forma que distorça ou desafie as normas estabelecidas, para refletir e estimular a luta contra a opressão e a injustiça.

Em resumo, a categoria dialética de conteúdo e forma permite analisar como os aspectos estruturais de uma obra literária estão diretamente relacionados aos seus temas e mensagens, e como essas duas dimensões se complementam para criar uma experiência rica e completa para o leitor.

A relação dialética entre conteúdo e forma, com base na discussão apresentada, é essencial para entender como a arte e a literatura refletem e, ao mesmo tempo, podem transformar as condições sociais e econômicas. O conteúdo de uma obra literária é determinado pelas condições materiais da sociedade, enquanto a forma é a expressão dessas condições, com a capacidade de reforçar ou desafiar as relações de classe e as ideologias dominantes. Essa análise dialética permite, portanto, uma compreensão mais profunda da arte como um reflexo e, ao mesmo tempo, um agente de transformação social.

Em conclusão, a análise dialética de conteúdo e forma revela como a literatura e a arte não são apenas representações passivas da realidade, mas desempenham um papel ativo na construção e transformação das consciências sociais. Ao entender como as condições materiais influenciam tanto os temas quanto a forma de uma obra, podemos perceber de que maneira os artistas e escritores podem usar essas dimensões para questionar, refletir e até subverter as estruturas de poder existentes. Assim, a dialética entre conteúdo e forma não apenas possibilita uma compreensão mais profunda da obra em si, mas também revela como a arte pode ser uma ferramenta poderosa de crítica e transformação social, desafiando as ideologias dominantes e estimulando a mudança nas relações de classe e nas condições materiais de uma sociedade.

4.2. CONTEÚDO E FORMA: CATEGORIAS DIALÉTICAS NAS OBRAS LITERÁRIAS O PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTONIE DE SAINT-EXUPÉRY E O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO, DE RODRIGO FRANÇA

Com base nas discussões apresentadas ao longo do texto, é possível afirmar que a literatura infantil desempenha um papel essencial no desenvolvimento emocional e social das crianças, servindo como uma ponte entre a imaginação e a realidade. Dentro desse vasto universo, cada obra carrega peculiaridades que refletem diferentes abordagens culturais, linguísticas e estéticas. Este capítulo explora uma análise de *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, comparando as duas obras significativas no campo da literatura infantil.

Por meio dessa análise, foram examinados aspectos como temas centrais, linguagem, construção de personagens, ilustrações e o impacto educativo de cada narrativa. A análise buscou destacar como esses elementos se articulam para dialogar com os pequenos leitores e fomentar a formação de valores, além de revelar as semelhanças e singularidades que tornam cada obra única.

A literatura infantil possui um profundo papel formador, estimulando a imaginação, o senso crítico e a compreensão de valores universais. Dentro desse contexto, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, destacam-se como obras que, embora partam de premissas semelhantes, oferecem abordagens distintas sobre temas como identidade, pertencimento e humanidade.

Enquanto a obra clássica de Saint-Exupéry apresenta reflexões universais por meio de um olhar filosófico e atemporal, a releitura de Rodrigo França oferece uma perspectiva contemporânea e representativa, resgatando questões ligadas à identidade racial e ao empoderamento.

A análise entre *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry e *O Pequeno Príncipe Preto* de Rodrigo França, com base na categoria dialética de conteúdo e forma, permite refletir sobre como essas duas obras abordam temas similares, mas em contextos culturais e sociais distintos, e como a forma de cada obra contribui para a transmissão de suas mensagens. A categoria dialética de conteúdo e forma nos ajuda a entender como os aspectos estruturais

de uma obra literária estão profundamente conectados aos seus temas centrais, refletindo, ao mesmo tempo, a sociedade que as produz.

Por meio dessa análise, busca-se compreender como cada autor utiliza a figura do "pequeno príncipe" para transmitir suas mensagens, bem como o impacto dessas obras no público infantil e em leitores de outras faixas etárias. Tal abordagem permitirá destacar a importância de uma literatura infantil plural e inclusiva, capaz de dialogar com diversas realidades e promover uma visão ampliada do mundo.

Certamente, a literatura infantil é um dos meios mais poderosos para atingir o objetivo da formação humana dos sujeitos leitores, pois oferece aos pequenos leitores a oportunidade de expandir seus horizontes e vivenciar realidades além das suas próprias experiências. A escolha cuidadosa de obras que abordem diferentes culturas, modos de vida e visões de mundo é essencial nesse processo, pois permite que as crianças compreendam a diversidade e reconheçam a pluralidade existente na sociedade.

A literatura infantil desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, proporcionando não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o despertar para novas perspectivas de mundo. Através dos livros, as crianças têm a oportunidade de entrar em contato com realidades diversas, o que contribui para a formação de uma visão mais ampla e empática sobre a sociedade e o mundo em que vivem.

Quando as obras literárias infantis refletem realidades e vivências variadas, as crianças não apenas entram em contato com novos conhecimentos, mas também desenvolvem capacidades importantes, como empatia, respeito e curiosidade. A literatura tem o poder de colocar o leitor em contato com diferentes histórias, personagens e contextos que, embora distantes da sua realidade imediata, podem provocar reflexões profundas sobre questões sociais, éticas e existenciais.

Dessa forma, a literatura infantil não apenas estimula a imaginação e a criatividade, mas também é um meio eficaz de promover uma educação que favoreça o respeito, a igualdade e a convivência harmoniosa entre pessoas de diferentes origens e realidades.

Assim, é tarefa importante do professor criar repertório para que as crianças possam se identificar nas histórias e aceitar e valorizar suas próprias

características e dos colegas, contribuindo para uma educação respeitosa, que favoreça a formação humana. Nesse sentido, a fim de contribuir nesse processo, o escritor Rodrigo França publicou a releitura do clássico: *O Pequeno Príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry. Com a obra *Pequeno Príncipe Preto*, o autor contribui de maneira significativa para a formação humana das crianças ao abordar temas como identidade, autoestima, pertencimento e empoderamento. Por meio da figura de um "pequeno príncipe" negro, a obra oferece uma representação importante de uma criança preta como protagonista, o que é essencial para a construção de uma autoimagem positiva, especialmente para crianças que, muitas vezes, não se veem refletidas nas narrativas tradicionais.

Para que a literatura infantil cumpra de fato esse papel formador, é essencial que as obras selecionadas valorizem culturas, histórias e modos de viver que sejam diferentes do universo imediato das crianças. Isso significa que os livros precisam apresentar uma variedade de personagens, cenários e situações que reflitam a diversidade cultural, social e étnica, permitindo que os pequenos leitores se reconheçam, mas também se aproximem de realidades distintas das suas. A literatura infantil, ao abordar esses temas de maneira acessível e envolvente, amplia os horizontes das crianças, permitindo que elas desenvolvam a empatia, a compreensão das diferenças e a capacidade de refletir criticamente sobre sua própria realidade.

Além disso, ao incluir tais obras no processo educativo, os educadores oferecem aos alunos a chance de explorar e refletir sobre diferentes modos de vida, crenças e valores, promovendo uma educação mais inclusiva e plural. Dessa forma, a literatura infantil não só contribui para a formação do conhecimento acadêmico, mas também para o crescimento pessoal e social das crianças, preparando-as para serem cidadãos conscientes e ativos em um mundo cada vez mais diverso e globalizado.

Portanto, ao selecionar obras literárias que valorizem essa diversidade, estamos oferecendo às crianças ferramentas para que elas se tornem cidadãos críticos, sensíveis e conscientes de seu papel no mundo, capazes de entender e transformar a sociedade ao seu redor.

As obras *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, e *O Pequeno Príncipe Preto*, de Rodrigo França, são duas obras que compartilham uma base comum, mas apresentam diferenças significativas em relação ao

conteúdo, à mensagem e ao contexto social que abordam. A versão clássica *O Pequeno Príncipe* é uma obra clássica que narra a história de um pequeno príncipe que viaja de planeta em planeta, conhecendo personagens que representam diferentes aspectos da sociedade adulta. A história enfatiza questões como a importância da amizade, o valor das coisas simples e a busca por sentido na vida. A obra é profundamente filosófica e poética, com lições que se aplicam a todas as idades. Já a releitura *O Pequeno Príncipe Preto*, reinterpretava a história de Saint-Exupéry ao trazer um contexto racial e social mais explícito. A trama segue o mesmo modelo de viagem e descoberta, mas o protagonista, um menino negro, passa por diferentes experiências que envolvem a questão da identidade racial e a busca por um lugar no mundo. A obra de Rodrigo França aborda questões de pertencimento, representatividade e os desafios enfrentados pelas pessoas negras na sociedade contemporânea.

A análise entre *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto*, à luz da dialética de conteúdo e forma, revela como ambas as obras utilizam suas estruturas literárias e artísticas para comunicar mensagens profundas. Dessa maneira, as duas obras exemplificam como conteúdo e forma estão profundamente entrelaçados e como podem ser utilizados para gerar uma experiência transformadora para o leitor, seja no plano filosófico ou social.

A análise dialética de conteúdo e forma em *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* revela como essas obras, embora compartilhem o mesmo ponto de partida, se diferenciam ao abordar temas universais e ao mesmo tempo dialogar com as especificidades culturais e sociais dos seus respectivos contextos. Enquanto *O Pequeno Príncipe* utiliza uma forma simples e simbólica para explorar questões existenciais e sociais, *O Pequeno Príncipe Preto* adapta essa forma para refletir as questões de identidade racial e a luta contra a opressão, fazendo da obra um instrumento de crítica social e afirmação cultural. Ambas as obras, portanto, exemplificam como o conteúdo e a forma podem se complementar para criar uma experiência rica e transformadora para o leitor.

O clássico livro de literatura infantil *O Pequeno Príncipe* traz reflexões filosóficas e profundas sobre a vida, narrando a história de um pequeno jovem que quer aprender cada vez mais, saindo de seu pequeno planeta em busca de novos conhecimentos. Trata-se de uma história que retrata o dia a dia

das pessoas, amores, amizades, ganância e erros tão comuns e repetitivos: o homem que não vê com o coração, que só se importa com o trabalho, que só cultiva o dinheiro, que não tem bons amigos e, principalmente, o homem que não é capaz de manter viva a criança dentro de si. Mas, além disso, o livro enfatiza a beleza da personagem que: possui a pele branca e os cabelos louros, dourados. Pensando nisso, a obra de Rodrigo França é essencial, visto que não encontramos muitos príncipes e princesas negros na literatura infantil (figura 1).

Figura 1: O PEQUENO PRÍNCIPE



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. Tradução de Lúcia M. S. de Abreu. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2000.

No livro *O Pequeno Príncipe* de Saint-Exupéry, o príncipe é uma figura universal, que simboliza a pureza e a visão inocente do mundo. Ele se relaciona com adultos que perderam a capacidade de ver as coisas essenciais, como a amizade e o amor. O livro foca nas relações interpessoais e na crítica à sociedade adulta. Além disso, transmite uma mensagem de universalidade, falando sobre valores intemporais como amizade, amor e a busca pelo essencial. O livro de Saint-Exupéry sugere que as coisas mais importantes não podem ser

vistas com os olhos, mas com o coração. Ele faz uma crítica à sociedade moderna, que frequentemente prioriza bens materiais e interesses superficiais.

A forma de *O Pequeno Príncipe* é marcada pela simplicidade e pela leveza, características que são fundamentais para sua universalidade. A narrativa é feita de maneira direta, com diálogos entre o narrador e o príncipe, e a história se desenvolve em um estilo que permite que pessoas de diferentes idades, especialmente crianças, compreendam as metáforas e alegorias presentes. A utilização de ilustrações, que seguem um estilo simples e inocente, complementa a narrativa e reforça a ideia de que a verdade está nas coisas simples e puras. Essa forma acessível e simbólica é uma maneira de proporcionar reflexões profundas para o leitor, sem nunca perder a leveza.

O conteúdo de *O Pequeno Príncipe* é universal, mas também profundamente crítico em relação à sociedade e aos valores do mundo adulto. A obra de Saint-Exupéry é uma reflexão filosófica sobre o que é essencial na vida, destacando a visão pura e sincera das crianças, que contrastam com a complexidade e as falácias dos adultos. Por meio das viagens do príncipe e dos encontros com personagens que representam diversas facetas da sociedade adulta (o rei, o vaidoso, o bêbado, entre outros), Saint-Exupéry questiona as prioridades, a utilidade e a superficialidade do comportamento humano. O conteúdo, portanto, está centrado na crítica à alienação do ser humano moderno e na busca pela essência da vida e do amor, por meio da simplicidade da infância.

O tema central de *O Pequeno Príncipe* é a valorização dos sentimentos e das relações verdadeiras, que muitas vezes são ignoradas ou sufocadas pela lógica e pelo pragmatismo da vida adulta. Essa obra é uma espécie de manifesto poético em defesa da infância, da imaginação e da autenticidade, e propõe uma reflexão sobre a perda da capacidade de ver o mundo com olhos inocentes.

A forma de *O Pequeno Príncipe* é simples, poética e acessível, com diálogos que fluem de maneira quase filosófica. A história é contada a partir da perspectiva de um narrador, que é também um aviador, e a interação com o pequeno príncipe se dá de forma direta. A obra é rica em elementos alegóricos, mas a simplicidade de sua estrutura permite que o público infantil se identifique com a jornada do príncipe e com as lições que ele aprende.

A forma de *O Pequeno Príncipe* é eficiente em seu objetivo de transmitir uma mensagem profunda e filosófica de maneira acessível e encantadora. A obra usa a leveza da narrativa para explorar questões complexas, como o sentido da vida, a solidão e o amor, sem perder a profundidade.

O príncipe, ao se relacionar com diferentes personagens, aprende a importância de ver com o coração e de valorizar o que é essencial e invisível aos olhos. Analisar essas situações pode ajudar as crianças a refletirem sobre suas próprias relações e sentimentos, desenvolvendo empatia e a capacidade de compreender as emoções dos outros.

O Pequeno Príncipe oferece uma crítica sutil ao comportamento dos adultos, revelando a alienação e a superficialidade muitas vezes presentes na sociedade moderna. Ao analisar as interações do príncipe com personagens como o rei, o vaidoso e o bêbado, as crianças podem refletir sobre questões como o egoísmo, a busca por poder e a falta de autenticidade nas relações humanas. A obra, portanto, contribui para o desenvolvimento de uma consciência ética, ajudando as crianças a refletirem sobre valores como amizade verdadeira, respeito e a importância de cultivar relações genuínas.

A relação entre conteúdo e forma nas duas obras revela como a forma literária e artística de cada obra é diretamente influenciada pelo conteúdo e pelas questões sociais que ela aborda.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto* vai além, abordando questões de racismo estrutural e a luta pela valorização da cultura negra. Essa obra ajuda as crianças a refletirem sobre o que significa ser negro em uma sociedade marcada por desigualdades raciais. A análise dos desafios enfrentados pelo príncipe preto pode despertar nas crianças a consciência sobre a importância de combater o preconceito e promover a igualdade, além de estimular a valorização da própria identidade e cultura.

Além disso, a obra aborda questões sociais importantes, como o racismo e a desigualdade, de forma acessível e sensível para o público infantil. Ao apresentar esses temas de maneira lúdica e reflexiva, *O Pequeno Príncipe Preto* não apenas desperta a consciência sobre a realidade social, mas também estimula a empatia e a compreensão das diferenças, fatores essenciais para o desenvolvimento de uma cidadania crítica e inclusiva.

Figura 2: O PEQUENO PRÍNCIPE PRETO



Fonte: FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. Ilustradora: Juliana Barbosa Pereira. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

Ao integrar valores como o respeito à diversidade, a importância da autovalorização e o compromisso com um mundo mais justo, a obra contribui para o crescimento emocional, social e intelectual das crianças, ajudando-as a formar uma visão mais ampla e empática sobre o mundo e suas relações com os outros. Assim, *O Pequeno Príncipe Preto* vai além de uma simples história infantil, tornando-se um instrumento poderoso para a formação humana das crianças, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e plural.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto*, tem alguns pontos em comum com a versão clássica, como o fato de que o menino negro vive em um pequeno planeta com uma árvore e precisa cuidar e cultivá-la, além disso, o livro também traz a relação com uma raposa e a resignificação de valores. Também é possível encontrar no livro referências ao clássico quando encontramos trechos sobre cativar outras pessoas.

Em *O Pequeno Príncipe Preto*, o personagem principal é um

menino negro, e o enfoque está na sua vivência enquanto negro na sociedade. Ao longo da obra, o príncipe preto encontra personagens que representam a diversidade e os desafios enfrentados pela população negra, como o preconceito e a luta pela afirmação da identidade. A obra, portanto, traz uma reflexão sobre racismo, desigualdade social e a importância de se reconhecer e valorizar a identidade negra. *O Pequeno Príncipe Preto*, por sua vez, incorpora uma crítica social mais voltada para a realidade brasileira e as questões raciais. A obra de Rodrigo França não apenas reflete sobre as relações humanas, mas também propõe uma reflexão sobre a importância da representatividade e da valorização da identidade negra, levando em consideração as adversidades enfrentadas por aqueles que são marginalizados pela cor da pele.

Além das mesmas reflexões filosóficas que a versão clássica nos apresenta, a releitura *O Pequeno Príncipe Preto* tem outros tópicos extremamente relevantes, capazes de nos auxiliarem na compreensão do processo de construção de identidade de crianças negras, pontuando especialmente os aspectos físicos, hereditários e de ancestralidade desses sujeitos.

O autor Rodrigo França foi extremamente sensível na criação da obra em questão, trazendo aspectos culturais, religiosos, políticos e sociais de maneira que visam a valorização da cultura afro-brasileira, como por exemplo, ao se referir à árvore Baobá como sagrada para o povo africano, onde na versão original, é retratada como uma erva daninha, que o pequeno príncipe precisa matar para que não destrua seu planeta. Além disso, durante toda a história, o príncipe cuida e valoriza a árvore, que passa para o menino toda a sua sabedoria milenar, informações sobre sua cultura, questões de amor-próprio, de autocuidado e sobre ancestralidade.

Tais afirmações identitárias e orgulho de ser quem é, emanam a todo momento do discurso do príncipezinho preto, que durante todo o livro enaltece a beleza de seus próprios traços, como a boca que é carnuda, o nariz grande e a cor da pele, reforçando que ela tem a cor do solo, e que quando regada, fica mais escura, com cor de chocolate.

Ao longo de quase 30 páginas, o personagem principal, mostra-se muito seguro com o que acredita e se revela um bom questionador cheio de dúvidas, como qualquer outra criança. *O Pequeno Príncipe Preto* narra e introduz

o leitor ao universo do personagem, que mora em seu minúsculo planeta, com uma árvore Baobá, sua melhor amiga e única companheira. A relação do menino com a árvore é semelhante à relação de uma criança com seus avós, demonstrando respeito a alguém que possui sabedoria. O texto, juntamente às ilustrações, demonstra a valorização da ancestralidade, das pessoas que vieram antes de nós, conforme os ensinamentos e cultura africana.

É interessante destacar que ao longo da história, a personagem enxerga seus ancestrais com admiração e grandiosidade, destacando que seus antepassados são reis e rainhas. Desde muito novas, as crianças são introduzidas em um mundo de branquitude onde é naturalizado em todos os espaços, como na escola, por exemplo, a ideia do que é certo e errado, o belo e o feio, do que moralmente devemos validar ou desconsiderar, entre outras questões e hierarquias que fortalecem e reforçam apenas um único lado, o branco. Portanto, de forma lúdica e leve, o autor Rodrigo França descreve com metáforas as características de identidade e os traços físicos do Pequeno Príncipe Preto (Rodrigues; Pereira, 2021).

Figura 3: ANCESTRALIDADE



Fonte: FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

Além disso, a personagem também traz reflexões relacionadas à sua afirmação como sujeito negro, trazendo suas características físicas, que muitas vezes, ao longo da história da humanidade, foram utilizadas de maneira pejorativa e ofensiva, com orgulho. Como por exemplo, no trecho a seguir:

Minha boca é grande e carnuda. Olhe o meu sorriso, como é simpático e bonito! Eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz. Meus olhos são escuros como a noite. Também existem olhos claros, mas gosto dos meus olhos como eles são. Porque são meus. Meu cabelo não é ruim. Ele não fala mal de ninguém. Antes eu cortava meu cabelo bem baixinho, mas agora estou deixando crescer. Quero que fique para cima igual aos galhos da Baobá. Vai crescer, crescer, crescer... Vai ficar forte, brilhoso, volumoso. Olhe para o céu! Ele será o limite (França, 2020, p.11).

As referências ao cabelo crespo são constantes, em que se pode destacar as expressões: “cabelo ruim” e “cabelo duro”, havendo diversas outras ainda mais agressivas. Essas e outras falas racistas são comumente proferidas e se perpetuam, podendo habitar os espaços escolares, ambientes de trabalho, programas de televisão, campanhas de publicidade e atualmente, são ainda mais disseminadas na internet.

Figura 4: CARACTERÍSTICAS FÍSICAS DA PERSONAGEM



Fonte: FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

Em várias passagens do livro *O Pequeno Príncipe Preto*, o autor utiliza pronomes possessivos para se referir a aspectos físicos do personagem, como “meus traços”, “minha boca”, “meus olhos”, “meu cabelo”. Esses elementos

não são apenas descrições físicas, mas carregam uma forte carga simbólica de pertencimento e orgulho. Ao fazer uso desses pronomes, o autor enfatiza a importância das características físicas do personagem como partes essenciais de sua identidade, reforçando a ideia de que essas particularidades são símbolos de sua origem e vivências. Esse uso de pronomes possessivos não só estabelece um vínculo profundo entre o personagem e suas características, mas também reafirma a autonomia e o empoderamento do sujeito negro, que se reconhece e se valoriza na sua própria individualidade.

Ao mesmo tempo, a história de *O Pequeno Príncipe Preto* vai além da simples representação de um personagem, propondo uma reflexão sobre a cultura afro-brasileira e a relação com a ancestralidade. O menino negro, no enredo, espalha as sementes da árvore Baobá pelo mundo, com o objetivo de preservar a memória ancestral e manter viva a tradição. O Baobá é uma árvore com forte simbolismo na cultura africana, associada à sabedoria e à resistência, e sua presença no livro conecta o personagem à ancestralidade e à luta por preservação cultural.

A narrativa também introduz o conceito de Ubuntu, uma filosofia de vida que se baseia na ideia de "nós por nós", que propaga um senso de coletividade e união entre as pessoas. Ubuntu, um termo originário das culturas africanas, sugere que a humanidade está interligada e que a prosperidade de um indivíduo depende da prosperidade do coletivo. Ao inserir esse conceito na trama, o autor propõe uma reflexão sobre a importância da solidariedade, da cooperação e do respeito mútuo, conectando as lições do livro com questões sociais e culturais que transcendem o contexto individual e se expandem para uma visão de comunidade e pertencimento global.

Dessa forma, *O Pequeno Príncipe Preto* não apenas reinterpreta a história clássica, mas a transforma em um poderoso veículo de reflexão sobre identidade, ancestralidade e solidariedade, fazendo uso da literatura para promover valores essenciais para a formação de um cidadão consciente de sua história e da sua responsabilidade para com o outro.

Em *O Pequeno Príncipe Preto*, também podemos destacar que o autor ressignifica a obra original, contextualizando-a nas questões sociais e raciais contemporâneas, pois o conteúdo aborda a experiência de um menino negro, que se vê em um mundo onde a questão racial e a busca pela identidade

são centrais. Ao invés de simplesmente criticar os adultos ou a sociedade em geral, a obra de França também faz uma crítica explícita ao racismo estrutural e à discriminação racial, com um olhar atento às questões de representação e identidade.

A forma de *O Pequeno Príncipe Preto* também preserva a simplicidade da obra original, mas ao mesmo tempo, utiliza elementos que fazem referência à cultura negra e à luta contra o racismo, podendo destacar as ilustrações do livro. As ilustrações, feitas por Juliana Barbosa Pereira, têm um estilo moderno, mas também incorporam elementos da arte africana e afro-brasileira, como as cores vibrantes e formas geométricas, para dar visibilidade à cultura negra. A narrativa de França mantém a objetividade e a clareza, mas, ao longo da obra, o conteúdo é impregnado com elementos que dialogam com as questões raciais, o que traz uma nova camada de reflexão ao livro. A forma, portanto, está não apenas em como a história é contada, mas também em como ela é visualmente representada, enfatizando a identidade e a cultura negras.

Em *O Pequeno Príncipe Preto*, a forma também é uma expressão do conteúdo. A utilização das ilustrações que evocam a cultura negra e o uso de uma narrativa que lida diretamente com questões de identidade e racismo são escolhas formais que estão intimamente ligadas ao conteúdo da obra. O conteúdo, que trata da identidade negra e da luta contra a discriminação, é refletido na forma através de uma estética que representa essa identidade e dá visibilidade à cultura negra, ao mesmo tempo em que preserva a simplicidade e a clareza que caracterizam a obra original. A forma de *O Pequeno Príncipe Preto* não é apenas um meio para contar a história, mas uma forma de resistência, ressignificando o clássico para um contexto social atual.

O Pequeno Príncipe Preto se apropria da estrutura e do conteúdo de *O Pequeno Príncipe*, mas a ressignifica ao inserir questões de identidade racial, preconceito e valorização da cultura negra no centro da narrativa. A obra de Rodrigo França se distancia da crítica social genérica presente na obra de Saint-Exupéry, focando especificamente nas questões raciais que afetam a vida de um menino negro no Brasil.

A adaptação da narrativa, que mantém a jornada do príncipe, agora chamada de "príncipe preto", reflete a jornada de autodescobrimento e de afirmação da identidade negra. O conteúdo da obra aborda o racismo estrutural,

a importância da valorização da cultura negra e a luta contra a discriminação. O príncipe, ao longo de sua trajetória, aprende a importância de sua origem, sua pele, suas raízes e sua história. A reflexão proposta por França é voltada para a construção de uma autoestima positiva, especialmente para crianças negras, e para o enfrentamento das injustiças sociais e raciais.

O conteúdo de *O Pequeno Príncipe Preto*, portanto, expande o alcance de *O Pequeno Príncipe*, trazendo uma visão de mundo que sublinha as desigualdades raciais e a urgência do reconhecimento e da valorização da identidade negra. Enquanto *O Pequeno Príncipe* observa a sociedade do ponto de vista de uma criança que questiona as normas dos adultos, *O Pequeno Príncipe Preto* questiona as normas sociais de um ponto de vista que busca não só romper com a alienação, mas também combater o racismo e promover a inclusão e a representatividade.

A obra *O Pequeno Príncipe Preto*, ao trazer questões sobre identidade racial e autoestima, especialmente no contexto de uma criança negra, permite que as crianças negras se reconheçam na história e desenvolvam um senso positivo de identidade. Ao mesmo tempo, essa obra também pode sensibilizar leitores de outras origens sobre a importância de respeitar as diferenças culturais e raciais, promovendo a empatia para com a diversidade.

A dialética entre conteúdo e forma em ambas as obras pode ser observada de maneira muito clara. Diante das histórias apresentadas em ambos os livros, podemos perceber que a categoria dialética conteúdo e forma, é uma categoria essencial para o trabalho com a literatura infantil.

Enquanto a obra de Saint-Exupéry utiliza uma forma que se aproxima da inocência e da simplicidade da visão infantil, *O Pequeno Príncipe Preto* introduz uma forma mais consciente do contexto social e cultural em que está inserida. Rodrigo França constrói uma narrativa que, embora ainda simples e acessível, carrega um propósito de empoderamento e de crítica social. A forma de *O Pequeno Príncipe Preto* é mais politicamente engajada, refletindo a urgência de questões raciais e sociais, enquanto a forma de *O Pequeno Príncipe* funciona como um convite à reflexão filosófica sobre a vida e os valores.

Além disso, o autor também traz em sua obra, nas falas do personagem principal e do narrador, outros temas relacionados a nossa sociedade atual como por exemplo, o individualismo, egoísmo, distinções de

gênero, competição no ambiente escolar, entre outros importantes temas que nos fazem refletir e rever atitudes enquanto comunidade.

Dessa forma, após a análise da obra *O Pequeno Príncipe Preto*, é interessante observar como ainda hoje, não estamos habituados a construir naturalmente imagens de personagens negras em nossos esquemas mentais, a não ser que sejam descritas explicitamente em suas características físicas e fisionomias.

A obra foi escrita a partir de uma peça teatral, onde possuía cenário, trilha sonora, figurino e outros elementos que favorecem a compreensão e imersão do espectador, o que não há nos livros. Por esse motivo, percebe-se que o autor se preocupou em ser detalhista em relação aos ambientes presentes na história e às sensações, detalhando até os cheiros que a personagem encontra em determinados lugares.

Nesse sentido, a contribuição das ilustrações, feitas por Juliana Barbosa Pereira também são imprescindíveis para a construção positiva da identidade das crianças após a leitura do livro *O Pequeno Príncipe Preto*, pois no caso dos livros de literatura infantil, as ilustrações funcionam como uma ferramenta capaz de apresentar uma nova visão do que está sendo lido, ampliando o repertório do sujeito leitor. Pensando nisso, destaca-se que as ilustrações possuem grande importância na contribuição do (re)conhecimento de crianças.

Nessa perspectiva, trazer novos significados aos clássicos livros da literatura infantil é uma tarefa extremamente necessária para que haja a formação humana dos sujeitos leitores, pois, tais livros representam uma época que já passou, mas que ainda reforçam o silenciamento das pessoas que não foram representados nos livros infantis no passado, como por exemplo, a figura da princesa indefesa que precisa ser salva, que evidencia o fato de que além de questões raciais e de representatividade como no caso do livro *O Pequeno Príncipe*, os clássicos livros de contos de fadas trazendo problemáticas como machismo e sexismo.

Em vista disso, a literatura infantil perpassa cada vez mais no campo da diversidade, tornando-se uma grande aliada para quebrar as barreiras do preconceito e do silenciamento que perpassam gerações. Assim, contando e recontando histórias na perspectiva que busca a formação humana, é possível

que vivamos com mais respeito entre as pessoas, pois as histórias possuem poder transformador.

Mas, pensando nisso, vale ressaltar que a educação em busca de uma formação humana, se constitui em um processo. Sendo assim, deve ser uma construção diária, em que cabe ao professor fazer a seleção adequada de obras que valorizam as minorias, problematizando questões que estão presentes em nosso cotidiano e ensinar as crianças a questionarem os papéis e funções que as pessoas têm em nossa sociedade.

Nesse sentido, percebe-se que a literatura infantil possui grande poder para tratar de questões relevantes da realidade social de maneira sutil, o que faz dela um importante meio de abordagem de diversas temáticas, sendo um caminho eficaz para a formação humana dos sujeitos.

A convicção então, é de que a literatura pode oferecer uma saída, ainda que não a curto prazo, na ressignificação da imagem, supostamente tida como inferior das pessoas afrodescendentes e demais minorias. Dessa maneira, a partir de ações com literatura infantil, há a expectativa de contribuir no auxílio da reconstrução da identidade de crianças, contribuindo na superação da ideologia de preconceitos e na construção de uma sociedade que seja mais igualitária em relação aos direitos de todos que compõe a diversidade étnica presente em nosso país.

Por esse motivo, destaca-se a importância de organizar ações dentro das instituições escolares com o objetivo de modificar as narrativas sociais que desvalorizam as pessoas de pele preta e demais minorias.

A sala de aula é um lugar de pluralidade, onde a diversidade se faz muito presente. Mas, de acordo com Silva (2021), pode-se afirmar que muitas vezes, a diversidade é vista como algo negativo em sala de aula, pois exclui e inferioriza determinados grupos sociais, ao invés de buscar o enriquecimento do currículo.

A literatura permite que o leitor viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, o que a torna um espaço privilegiado de construção de sua própria identidade e de sua comunidade, o que permite que haja o (re)conhecimento das crianças nas personagens e contribui para uma educação pautada na formação humana.

Nesse sentido, destaca-se a importância de o professor

selecionar obras literárias que contenham personagens positivamente representativos para as crianças, em que ela possa se reconhecer e ressignificar seu espaço físico e social.

A leitura pode ser considerada a relação estabelecida entre o leitor e o texto, na qual o leitor atribui sentido ao que lê. Por isso, ele pode utilizar o que já conhece e lançar hipóteses e inferências a respeito do que irá ler, procurando confirmar ou refutar tais ideias. Ler é um processo ativo e reflexivo, em que o leitor tende a extrair significado das pistas e informações disponíveis no texto, fazendo relação ao que já conhece.

Por esse motivo, é tão imprescindível que sejam feitos trabalhos com crianças a partir de boas obras de literatura infantis que possuem o protagonismo de pessoas pretas, assim como a obra *O Pequeno Príncipe Preto*, pois a grande maioria das mídias e demais manifestações artísticas sempre trouxeram a figura da pessoa preta marginalizada, o que contribuiu para a formação da visão preconceituosa e estereotipada da qual nosso país se constitui. Além de que trazer obras que valorizam a cultura e ancestralidade negra pode resultar em novas aprendizagens, dotadas de interpretações e sentidos próprios, colaborando na implementação de uma educação que busque a formação humana dos sujeitos leitores.

Nesse sentido, cabe ao professor conduzir e levar as crianças a compartilharem seus conhecimentos e experiências adquiridas a partir da leitura do texto literário. Esses conhecimentos irão colaborar para as reflexões e construção de sentido em comunidade (Cosson, 2021).

Ambas as obras incentivam o pensamento crítico ao apresentar personagens e situações que desafiam as normas sociais e os valores estabelecidos. *O Pequeno Príncipe* questiona a lógica pragmática dos adultos e sugere que a verdadeira sabedoria está na simplicidade e na capacidade de ver o mundo com olhos de criança. As crianças, ao refletirem sobre essas críticas, podem desenvolver uma postura mais crítica em relação aos valores que lhes são impostos pela sociedade, aprendendo a valorizar a autenticidade, a solidariedade e o respeito.

O Pequeno Príncipe Preto, por sua vez, ao tratar de questões como o racismo e a desigualdade, também desafia o status que encoraja as crianças a pensarem sobre como as estruturas sociais influenciam as relações

entre as pessoas. A análise dessa obra permite que as crianças se tornem mais conscientes das questões sociais e desenvolvam uma postura crítica e ativa em relação à transformação da sociedade.

Pensando nisso, a literatura infantil tem um potencial relevante e possibilita discussões acerca do tema da identidade, sendo um forte instrumento na luta e na construção de uma educação fundamentada na valorização do ser humano. Assim sendo, reafirma-se o papel e a importância da literatura na formação humana dos sujeitos, promovendo uma educação inclusiva e plural.

Conforme discutido e apresentado ao longo da pesquisa, uma criança educada em uma perspectiva que busca a formação humana, conseguirá se desenvolver de maneira mais consciente, plural e diversa, identificando e respeitando as diferentes características das pessoas.

Portanto, a análise dessas duas obras contribui para a formação humana das crianças, pois as ajuda a refletir sobre questões fundamentais da vida, como amizade, amor, identidade, justiça e igualdade. Ao explorar temas filosóficos e sociais importantes, ambas as obras incentivam o desenvolvimento emocional e social essencial para o crescimento saudável e ético das crianças. Além disso, elas promovem valores de respeito, empatia e inclusão, fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. A leitura e análise de *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* não apenas enriquecem o universo imaginativo das crianças, mas também as preparam para se tornarem adultos mais conscientes, críticos e comprometidos com a transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que foi exposto ao longo da pesquisa, fica evidente que um planejamento escolar que incorpore a literatura infantil como ferramenta para favorecer a formação humana dos estudantes, alinhado à perspectiva da Teoria Histórico-cultural, desempenha um papel fundamental tanto na vida acadêmica quanto social das crianças. Ao integrar a literatura no processo de ensino, o planejamento não apenas contribui para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação ética e social dos alunos, preparando-os para um mundo complexo e dinâmico, em que serão capazes de refletir e agir de maneira crítica e consciente.

As ações didáticas que envolvem a leitura e a análise literária, quando bem planejadas, proporcionam às crianças momentos ricos de reflexão, questionamento e diálogo. Essas experiências não só estimulam a imaginação e a criatividade, mas também promovem o desenvolvimento da criticidade e da capacidade de síntese e análise. A literatura, portanto, se torna um espaço vivo de interação entre a criança e a obra, onde a língua é mais do que um simples código a ser decodificado, mas uma ferramenta poderosa de comunicação, expressão e transformação.

É importante destacar que a escola é o local ideal para a realização dessas atividades, uma vez que nem todas as crianças têm o privilégio de acesso a livros ou de contar com um parceiro experiente que possa orientá-las na interação com as obras literárias. Embora o universo familiar e comunitário também desempenhe um papel importante, é na escola que as crianças têm a oportunidade de ser mediadas por profissionais qualificados, os professores, que são capazes de planejar ações pedagógicas com objetivos claros e estruturados para o desenvolvimento integral do aluno. Esses profissionais não apenas ensinam conteúdos, mas também ajudam a formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

A escola é, portanto, o espaço onde a criança tem acesso ao saber sistematizado e científico, que vai além dos conhecimentos cotidianos. A mediação pedagógica permite que ela articule seus saberes informais com os conhecimentos acadêmicos, estabelecendo novas conexões e relações. Esse processo de mediação, em que o professor facilita o entendimento e a reflexão

sobre a obra literária, é essencial para que a criança construa um pensamento mais complexo e elevado, capaz de integrar o conhecimento teórico e prático.

Compreendemos que o local de excelência para tais ações é a escola, uma vez que nem todas as crianças têm a oportunidade de acessar livros ou ter um parceiro experiente que possa lhe auxiliar no diálogo com a obra. Além disso, os professores têm conhecimento para tal e organizam suas práticas intencionalmente para atingir os objetivos necessários à aprendizagem e desenvolvimento do sujeito. A criança se apropria de diversos conceitos, todavia, é somente na escola que tem acesso ao saber científico e sistematizado, adquirindo novos conteúdos e formas mais elevadas de pensamento, por isso, é na escola que a criança articula novos e velhos conhecimentos, unindo seus conceitos cotidianos aos científicos, através da mediação do professor e interação com os colegas, estabelecendo novas relações, o que faz com que o aluno vá muito além do que se percebe imediatamente.

Ao proporcionar essas experiências, a escola não só ensina, mas também promove o desenvolvimento humano de maneira integral, permitindo que os alunos se reconheçam como sujeitos de seu processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, como agentes de transformação social. Através da literatura, eles têm a oportunidade de explorar diferentes mundos, questionar realidades, expandir seus horizontes e, finalmente, se tornarem cidadãos mais informados, empáticos e críticos, prontos para interagir de forma construtiva na sociedade.

Sendo assim, de acordo com Girotto e Souza (2010), compreendemos que é de suma importância que os professores organizem um tempo dedicado à leitura dentro da rotina escolar. Esse momento deve ser mais do que uma simples prática de leitura mecânica, ele deve estimular os alunos a refletirem sobre o que estão lendo, incentivando-os a deixar pistas e indícios de seus próprios pensamentos, sentimentos e interpretações relacionadas ao texto. Isso não só enriquece a compreensão do conteúdo, mas também permite que os alunos se sintam protagonistas de seu processo de aprendizagem, desenvolvendo uma relação mais profunda com a leitura.

A escolha cuidadosa dos livros e o planejamento adequado das atividades são essenciais para formar leitores críticos e conscientes. Os livros escolhidos devem ser variados, desafiadores e adequados ao universo de cada

criança, proporcionando diferentes perspectivas e abordagens sobre os mais diversos temas. Isso implica que o professor deve ser um mediador ativo do processo de leitura, criando oportunidades para que os alunos explorem diferentes formas de interpretar e vivenciar os textos. Além disso, a leitura deve ser trabalhada em diversos contextos da vida escolar, não apenas dentro da sala de aula, mas também em espaços como a biblioteca, em atividades extracurriculares ou em projetos interdisciplinares, de forma a diversificar os materiais e as experiências de leitura.

As ações didáticas a serem propostas devem ir além da leitura centrada apenas na codificação e decodificação dos códigos linguísticos, um processo que, embora essencial no início da alfabetização, por si só pouco contribui para a formação de leitores efetivos em uma perspectiva humana. A leitura não deve ser vista apenas como uma habilidade técnica, mas como uma prática que envolve análise crítica, reflexão e construção de sentido. Quando a leitura é tratada de maneira mais profunda, ela se torna uma poderosa ferramenta para a exploração de temas complexos, para o desenvolvimento da empatia e da criatividade, e para a ampliação do entendimento sobre o mundo.

Furyama, Paula e Saito (2024) abordam a importância da arte para o desenvolvimento infantil, incentivando diferentes formas de ver e observar as visualidades. A experiência com a arte estimula as sensações das crianças, contribuindo para a mediação dos professores.

Furyama, Paula e Saito (2024) destacam que o desenvolvimento infantil é favorecido quando as atividades pedagógicas com arte são consideradas as principais atividades da criança. O aprendizado que leva em conta as especificidades da criança contribui para que ela alcance aprendizados e desenvolvimento de forma mediada, o que não ocorreria se estivesse sozinha ou com professores que não consideram esse cenário.

Portanto, ao oferecer uma leitura que vai além das questões técnicas da linguagem, o professor permite que os alunos experimentem uma explosão de sentidos e significados que os move em direção ao conhecimento elaborado. Essa abordagem propicia um aprendizado mais significativo, no qual os alunos não apenas decodificam palavras, mas também constroem, reinterpretam e aplicam os conhecimentos adquiridos de maneira mais complexa, conectando-os com suas experiências pessoais e sociais. Esse

processo resulta em uma formação mais completa do sujeito, capaz de refletir, questionar e interagir de forma crítica com a realidade que o cerca, o que é essencial para sua evolução como ser humano e cidadão.

Em vez de se colocar como o único detentor do conhecimento, o professor deve atuar como um mediador no processo de aprendizado. Isso significa convidar as crianças a participarem ativamente das atividades educativas (FURYAMA; PAULA; SAITO, 2024).

Esta pesquisa buscou, portanto, investigar a importância da escola e o papel da literatura a favor de uma formação humana. A investigação girou em torno da compreensão de que a escola deve oportunizar em seu espaço a problematização da questão racial, social e cultural, possibilitando aulas com qualidade, valorização e respeito à diversidade étnico-racial.

Pode-se compreender a escola como o órgão responsável por fomentar práticas que favoreçam a formação humana, sendo um espaço essencial para o desenvolvimento integral dos indivíduos. A sua função vai além da simples transmissão de conteúdos acadêmicos; ela deve ser um ambiente onde a reflexão crítica sobre as diversas dimensões da realidade social, cultural e histórica seja estimulada. Nesse sentido, a escola deve oportunizar a problematização de questões raciais, sociais, culturais e de gênero, entre outras, para que os alunos possam se envolver com temas relevantes que os conectem com o mundo ao seu redor. Ao proporcionar um espaço democrático de discussão e aprendizado, a escola se configura como um lugar de construção de valores e cidadania, estimulando os alunos a refletirem sobre seu papel na sociedade e a desenvolverem uma postura crítica em relação às desigualdades e injustiças que permeiam o contexto social.

Para tanto, é imperativo que a escola ofereça aulas de qualidade, que não apenas foquem em conteúdos acadêmicos, mas que também valorizem a diversidade e promovam a inclusão em seu cotidiano. A valorização da diversidade deve ser um princípio que norteie as práticas pedagógicas, garantindo que todas as identidades, culturas e histórias sejam respeitadas e representadas. Isso inclui a promoção de uma educação antirracista, de gênero e que seja inclusiva de maneira geral, de modo que cada aluno, independentemente de sua origem, cor, identidade ou classe social, se sinta pertencente e reconhecido dentro do ambiente escolar.

Diante dos fatos mencionados, é possível afirmar que a escola, juntamente com a literatura infantil, exerce uma função social e inclusiva de grande relevância. A literatura infantil, quando utilizada de forma consciente e cuidadosa, tem o poder de ampliar horizontes, quebrar preconceitos e abrir discussões sobre temas essenciais. Ao atender às diretrizes da legislação educacional, que busca garantir uma educação de qualidade e inclusiva para todos, e ao seguir as práticas docentes fundamentadas em princípios de igualdade e respeito, a escola contribui diretamente para a minimização das consequências históricas de exclusão e discriminação que marcaram a sociedade por muitos anos.

Por meio da literatura, por exemplo, as crianças podem ser apresentadas a outras realidades, personagens de diferentes origens e culturas, e aprender sobre as desigualdades que ainda existem na sociedade. Esses aprendizados são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com a luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Dessa maneira, a literatura infantil, aliada ao trabalho pedagógico da escola, se torna uma poderosa ferramenta de transformação social, contribuindo para a construção de um futuro mais inclusivo e plural.

Pensando nisso, o professor deve ser um facilitador do aprendizado, incentivando a participação ativa das crianças e oferecendo um ambiente rico em estímulos para que elas possam explorar a arte contemporânea de forma livre e criativa. Assim, pensando no desenvolvimento integral das crianças, o professor deve trabalhar a literatura como arte, enquanto um campo de conhecimento científico e de direito das crianças (FURYAMA; PAULA; SAITO, 2024.)

Por esse motivo, é relevante e essencial o estudo e o respeito à história, cultura e diversidade no cotidiano escolar, pois essas práticas são fundamentais no combate aos preconceitos e na promoção do devido respeito e atenção a todas as pessoas que compõem o território brasileiro. A escola, ao integrar esses aspectos em sua prática pedagógica, favorece a formação humana dos sujeitos, oferecendo uma educação que respeita e valoriza as diferentes identidades e experiências de vida. Quando as ações pedagógicas incluem a literatura infantil como ferramenta para trabalhar essas questões, as crianças têm a oportunidade de formar uma visão mais positiva e inclusiva das

minorias, quebrando as barreiras sociais e culturais que historicamente as marginalizam. Dessa forma, a escola se torna a principal aliada na desmistificação dos preconceitos relacionados às diferentes culturas e realidades presentes na sociedade.

A leitura, por sua vez, está presente em todos os ambientes, seja nas ruas, nas lojas ou em diversos outros espaços da vida cotidiana. O sujeito precisa aprender a ler e a interpretar esses diferentes textos para poder se posicionar de forma crítica e consciente diante do mundo que o cerca. Nesse processo, a formação do sujeito leitor é contínua e dinâmica, uma vez que o sujeito amadurece e se desenvolve ao entrar em contato com diferentes tipos de textos, ampliando sua compreensão e capacidade crítica. Nesse contexto, o papel do professor é crucial. Ao trabalhar com textos variados que atendem às diferentes etapas da formação do leitor, o educador contribui significativamente para o desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação e reflexão. Dessa maneira, o professor não apenas ensina a decodificação de palavras, mas também auxilia as crianças a se tornarem leitores críticos, capazes de compreender as diversas camadas de significados contidas nos textos e, assim, se posicionarem de forma ativa e informada no mundo.

A melhoria do processo de ensino e da aprendizagem e a formação de leitores possibilita a valorização da leitura para que os futuros professores possam proporcionar cidadania e autoestima nas comunidades escolares que estão inseridas na sociedade vigente.

Os indivíduos precisam ler para poder viver em sociedade, sua compreensão leitora pode levá-lo a posicionar-se criticamente perante o mundo circundante. Neste sentido, a formação do sujeito leitor é um processo contínuo em que há a complexificação de sua atitude e capacidade de ler que vão sendo sofisticadas a cada vivência de leitura. Portanto, o professor, desse ponto de vista, pode colaborar para tornar o ato de ler significativo ao criar novas necessidades para ler.

Em conclusão, a análise das obras *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* oferece uma compreensão profunda de como a literatura infantil pode influenciar e contribuir para a formação humana das crianças. Ambas as obras, embora com abordagens diferentes, permitem o

desenvolvimento emocional, social e ético das crianças, ao abordar questões universais como a amizade, o amor, a identidade, a justiça e a igualdade.

Ao refletirem sobre as experiências dos personagens e os temas apresentados, as crianças são incentivadas a questionar as normas sociais, explorar suas próprias emoções, e desenvolver empatia e respeito pelos outros. Além disso, essas obras promovem a conscientização sobre as questões raciais e culturais, incentivando a valorização da diversidade e a luta por uma sociedade mais inclusiva e justa.

Portanto, a análise dessas obras literárias não apenas fortalece a formação intelectual das crianças, mas também contribui significativamente para sua formação ética e emocional. As lições de *O Pequeno Príncipe* e *O Pequeno Príncipe Preto* ajudam as crianças a construir uma visão mais crítica, consciente e solidária do mundo, preparando-as para serem agentes de transformação social e para cultivar valores fundamentais como a empatia, o respeito e a justiça.

Considerando os fatos apresentados, é evidente que, apesar de numerosos estudos e pesquisas científicas demonstrarem a importância da literatura infantil para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças em todos os níveis de ensino, os professores ainda enfrentam grandes dificuldades para formar leitores com maior qualidade (Bataus; Giroto, 2012).

Por isso, é fundamental investigar como a leitura e a literatura estão sendo abordadas em sala de aula, para entender como os professores estão lidando com essas questões e identificar maneiras mais eficazes de promover a formação de leitores críticos e reflexivos. Bataus e Giroto (2012) apontam que, em muitos contextos, a leitura é vista apenas como um meio para a decodificação das letras, ou seja, um processo técnico de reconhecimento de palavras, sem se aprofundar no significado e na interpretação do texto. Esse enfoque, embora necessário na fase inicial da alfabetização, limita a formação do sujeito leitor, pois não considera a leitura como um ato complexo de interpretação, reflexão e construção de sentido.

No entanto, é essencial ir além dessa mera decodificação, já que a alfabetização e a formação de leitores podem desempenhar um papel crucial na humanização das crianças. A leitura e a literatura têm o poder de ampliar os horizontes dos alunos, de introduzi-los a diferentes realidades, personagens e

culturas, e de fomentar o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais. Quando a leitura é trabalhada de maneira crítica e contextualizada, ela se torna um meio de educação moral e social, permitindo que as crianças compreendam melhor o mundo ao seu redor e se tornem indivíduos mais conscientes, empáticos e reflexivos.

Desse modo, o professor não deve encarar a leitura apenas como uma questão de gosto pessoal, uma análise puramente linguística ou um estudo isolado de fonemas e grafias. Embora a competência técnica seja importante, a leitura não pode ser reduzida a um simples exercício de decodificação. Ao focar apenas na técnica, corre-se o risco de excluir as interações sociais entre o professor e os alunos, que são essenciais para a construção de significados mais profundos e para o desenvolvimento de uma relação afetiva com a leitura. Além disso, essa abordagem limita a dimensão humana da educação, que deve ser o centro do processo pedagógico. A leitura, quando trabalhada de maneira adequada, é uma poderosa ferramenta de humanização, pois permite que o aluno se conecte com diferentes experiências, compreenda outras perspectivas e desenvolva uma visão mais crítica e solidária do mundo.

É crucial que a formação das crianças permaneça ligada à humanização, como destaca Arena (2021), pois isso garante que a educação não se restrinja ao aprendizado técnico, mas se estenda ao desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e cognitivas. A literatura infantil, quando bem utilizada, tem o poder de transformar a sala de aula em um espaço de reflexão, troca e construção coletiva de conhecimento, garantindo que os alunos não apenas aprendam a ler, mas, acima de tudo, aprendam a ler o mundo de maneira mais crítica e sensível.

Portanto, ao adotar uma abordagem mais abrangente e crítica da leitura, o professor pode contribuir para o desenvolvimento de uma visão mais rica e complexa do mundo, estimulando a reflexão, a criatividade e a capacidade de empatia dos estudantes. Nesse sentido, a literatura não deve ser apenas uma ferramenta técnica ou acadêmica, mas um meio que promove a formação de indivíduos conscientes, críticos e capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem. Portanto, é necessário repensar o ensino da leitura de forma a incluir essas dimensões sociais e humanas, garantindo que a

alfabetização e a formação de leitores caminhem juntas com o processo de humanização das crianças.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENA, Dagoberto Buim. **Alfabetização Humanizadora: Vez e voz às crianças.** Boletim 2 - Por uma alfabetização humanizadora. NAHum: Núcleo de Alfabetização Humanizadora. Janeiro e fevereiro. 2021.
- ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: R. J. Souza e et al. **Ler e Compreender.** Estratégias de leitura Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2010, p.13-44.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** Os gêneros do discurso. 4ª Ed Introdução e tradução do Russo: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. **Teoria Histórico-cultural:** questões fundamentais para a educação escolar. Marília, 2016.
- BATAUS, Vanessa; GIROTTO, Cyntia Graziela Guizelin Simões. Leitura e literatura infantil em sala de aula: a prática colaborativa no ensino de estratégias de leitura. 2012.
- BEATON, Guillermo Arias. La integralidade del método dialéctico em la Teoría Histórico Cultural. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, dez. 2018.
- CASAGRANDE, Fernanda Couto Guimarães; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. **O que é ler? Uma análise da concepção de leitura de professores do ensino fundamental.** Universidade Estadual de Londrina Universidade Estadual de Londrina. II Colóquio Nacional de Leitura e Práticas Pedagógicas na Escola da Infância em Tempos de Pandemia e Pós-Pandemia da COVID-19. 2024.
- CHAMBERS, Aidan. *Diga-me: As Crianças, a Leitura e a Conversa.* Tradução de Juliana Chieragato Pedro. Revisão técnica de Adriana Pastorello Buim Arena e Raquel Pereira Soares. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2023.
- COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula.** São Paulo: Contexto. São Paulo. 2021.
- DUARTE, Bruna da Silva; PEDRO, Jaqueline Pereira; TAVARES, Nayara Ellen Furtoso; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. **A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO A LEITURA PARA AS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.** n. 3 (2021): Anais do Pró-Ensino (2021). 2021.
- FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; BELEZE, Nathalia Martins; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. VIVÊNCIAS LITERÁRIAS E SUAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Eccos Rev. Cient.**, São Paulo , n. 60, e13596, jan. 2022 .
- FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; FRANCO, Sandra Aparecida Pires; OLIVEIRA, Katya Luciane de. **O que é ler? Uma perspectiva interacionista para a formação do leitor.** Anais I Congresso do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL (2018). 2018.
- FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. O ato de ler na Pedagogia Histórico-Crítica e suas possibilidades na Educação Básica. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 21, p. 33–44, 2020.
- FERREIRO, Emilia. *A escrita na escola: a construção do sistema de escrita na criança.*

20. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FERREIRO, Emilia. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1987.

FERREIRO, Emilia. *Psicogênese da língua escrita*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. 9. ed. Zahar Editores, Rio de Janeiro. 1981. p. 11 – 58.

FRANÇA, Rodrigo. *O pequeno príncipe preto*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires; FERNANDES, Geuciane Felipe Guerim. Mafalda: possibilidades de leitura na perspectiva Histórico Crítica. ***Revista Educação E Cultura Contemporânea***, 14(34), 145–161. 2016.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. A categoria marxista conteúdo e forma na leitura literária. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, ISSN-e 1982-5587, **Vol. 12, Nº. 4, 2017, págs. 1972-1983**. 2017.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires; MOLINARI, Andressa Cristina. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E AS CONCEPÇÕES DOS GRADUANDOS DO CURSO DE EXTENSÃO “LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE: UMA PRÁTICA TRANSFORMADORA”. ***Revista Inter-Ação***, Goiânia, v. 38, n. 3, p. 663–675, 2013.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires; MOLINARI, Andressa. Da leitura a escrita: concepções de professores em formação continuada. Conference: XI Congresso Nacional de Educação. 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FUJITA, Elza Tie; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. O ato de ler na educação básica e a formação de alunos leitores. ***Perspectiva***, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 724-740, abr. 2018.

FURYAMA, Bruna Thais Rodrigues; PAULA, Regina Ridão Ribeiro de; SAITO, Heloisa Toshie Irie. CONTRIBUIÇÕES DE ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS/AS PARA O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM VIÉS HISTÓRICO-CULTURAL. *Revista Espaço do Currículo*. 2024.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. ***Estratégia de leitura***: para ensinar alunos a compreender o que leem. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; FRANCO, Sandra Aparecida Pires; BARROS, Marta Silene Ferreira; TAMURA, Ana Lúcia Hermosilla. ***A leitura na educação infantil: das concepções e práticas de professores a bases científicas para uma didática da leitura***. n. 44 (2016): **DOSSIÊ “LEITURA, LITERATURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES”**. 2016.

KANASHIRO; FRANCO; SILVA. O ensino da leitura literária na perspectiva histórico-cultural. **UDESC**. Florianópolis – SC. 2014.

KONDER, Leandro. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense - Coleção Primeiros Passos. São Paulo. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MARTINS, Nathalia. **De Chapeuzinho Vermelho à formação de leitores: olhares infantis**. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Editora Abril, 1983.

MILLER, Stela; ARENA, Dagoberto Buim. A constituição dos significados e dos sentidos no desenvolvimento das atividades de estudo. **Ensino Em Re-Vista**. v. 18, n. 2, p. 341-353, jul./dez. 2011.

MILLER, Stella. O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo humanizador. **EDUC. ANÁL.**, Londrina, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOGILKA, Maurício. **Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: um difícil percurso**. Universidade Federal do Paraná. 1999.

OLIVEIRA, Rosangela Miola Galvão de; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. A LITERATURA COMO ATIVIDADE INVESTIGATIVA PARA A SUPERAÇÃO DO COTIDIANO. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 27, n. 2, p. 97–115, 2017.

OLIVEIRA, Rosangela Miola Galvão de; FRANCO, Sandra Aparecida Pires; FUJITA, Elza Tie. **Leitura e ação docente na perspectiva da pedagogia histórico-crítica**. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, ISSN-e 1982-5587, Vol. 11, Nº. 2, 2016, págs. 667-677. 2016.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Rev. Psicol. Estud.**, Maringá, 2019.

PEREIRA, Maria Suely. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NAS SÉRIES INICIAIS. *Revista eletrônica de ciências da Educação*. v. 6, n. 1 (2007). 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. Literatura e formação humana. *EccoS Revista Científica*, núm. 32, septiembre-diciembre, 2013.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Literatura infantil na sociedade multimidiática**. Jun 2016.

RODRIGUES, Neidson. **EDUCAÇÃO: DA FORMAÇÃO HUMANA À CONSTRUÇÃO**

DO SUJEITO ÉTICO. 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe. Tradução de Lúcia M. S. de Abreu. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 9ª ed. Capítulo 1. Campinas: Autores Associados, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 03, p. 619-634, dez. 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. Educ. Puc. [online]. 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. São Paulo Perspec. 14 (2) • Jun 2000

SFORNI, Marta Sueli de Faria. **Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2001.

SILVA, Adriana Naomi Fukushima; ARENA, Dagoberto Buim. **O trabalho docente no ensino dos atos de leitura**. Universidade Estadual Paulista. Junho, 2015.

SILVA, Greice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **O pequeno leitor e o processo de mediação de leitura literária**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP. Dezembro, 2012.

SILVA, Rovilson José. **O porquê de oferecer livro a uma criança? Leituras e Leitores**. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1315. Acesso em 25 de abril de 2022. Junho, 2021.

TEBEROSKY, Lilian. *O ensino da leitura e da escrita: estudos sobre alfabetização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TONET, I. Educação e formação humana. **Ideação**, [S. l.], v. 8, n. 9, p. p. 09–21, 2000.

VIANA, Fernanda Leopoldina. O ensino da leitura: a avaliação. Ministério da Educação e Ciência. Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). 2009.

VIDIGAL, Letícia; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. A categoria dialética essência e aparência no ensino de estratégias de compreensão leitora. v. 15, n. 43 (2021) . 2021.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de E. A. de Almeida. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Imaginação e criação na infância**. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. Coleção Ensaios Comentados.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.